

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**DO PONTO AO TRAÇO: PROJETO EDITORIAL E
APRENDIZAGEM NOS LIVROS DIDÁTICOS DE
HISTÓRIA DE SERGIPE (1973-2007)**

HERMESON ALVES DE MENEZES

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre em
Educação, no Programa de Mestrado em
Educação, do Núcleo de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Federal de Sergipe.

Orientador: Prof. Dr. Itamar Freitas.

**SÃO CRISTÓVÃO
MARÇO 2011**

HERMESON ALVES DE MENEZES

**DO PONTO AO TRAÇO: PROJETO EDITORIAL E
APRENDIZAGEM NOS LIVROS DIDÁTICOS DE
HISTÓRIA DE SERGIPE (1973-2007)**

**SÃO CRISTÓVÃO
MARÇO 2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

M543d Menezes, Hermeson Alves de
Do ponto ao traço : projeto editorial e aprendizagem nos
livros didáticos de história de Sergipe (1973-2007) /
Hermeson Alves de Menezes. – São Cristóvão, 2011.
64 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-
Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e
Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, 2011.

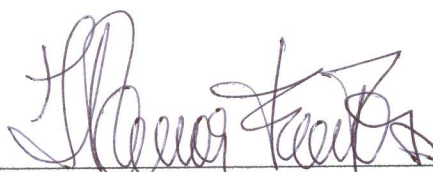
Orientador: Prof. Dr. Itamar Freitas

1. Educação - Sergipe. 2. Livro didático. 3. História - Estudo
e ensino. 4. Ilustração de livros. I. Título.

CDU 37(813.7)

DO PONTO AO TRAÇO: PROJETO EDITORIAL E APRENDIZAGEM NOS
LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DE SERGIPE (1973-2007)

APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM
31 DE MARÇO DE 2011



PROF. DR. ITAMAR FREITAS



PROF^a. DR^a. MARGARIDA MARIA DIAS DE OLIVEIRA



PROF^a. DR^a. ANAMARIA GONÇALVES BUENO DE FREITAS

Suplente

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa sobre os livros didáticos de história de Sergipe produzidos entre os anos de 1973 e 2007. Procuramos evidenciar a importância das características materiais dos impressos – de forma específica nos livros didáticos de história de Sergipe, considerando duas particularidades do livro didático: a primeira é ser um impresso planejado – dessa forma, passa pelas mesmas etapas de construção de qualquer outro impresso (observadas logicamente suas especificidades), as quais dizem respeito à escolha do tamanho, formato, número de páginas, tipografia, uso de imagens, cores etc.; a segunda é servir de instrumento na aquisição de conhecimentos e habilidades no processo de aprendizagem histórica. A partir das constatações feitas foi possível indagar: como foram produzidos, do ponto de vista gráfico-editorial os livros didáticos de história de Sergipe? Quais as relações entre essa conformação material dos manuais escolares e o processo de ensino-aprendizagem da história de Sergipe? Para responder a estes questionamentos foram analisados oito livros de história de Sergipe produzidos entre os anos de 1973 e 2007, utilizados em sala de aula nos anos iniciais do ensino. A análise ocorreu em dois momentos: no primeiro foram verificadas as características gerais – tais como capa, número de páginas, formato, tamanho etc. –, e as características específicas de cada impresso – tais como uso de imagens, retículas, variação tipográfica, uso de cores etc. –; no segundo, verificamos as relações entre os recursos gráficos utilizados e a aprendizagem dos conteúdos de história de Sergipe.

Palavras-chave: Livro didático, história de Sergipe, projeto editorial, ensino de História.

ABSTRACT

This work presents the results of a research on didactic books of history of Sergipe produced between the years of 1973 and 2007. We look for to evidence the importance of the material characteristics of printed - of specific form in didactic books of history of Sergipe, to account two particularities of the didactic book: first it is to be a planned printed - of this form, it passes for the same stages of construction of any other printed (observed logically its specificities), which say respect to the choice of the size, format, number of pages, typography, use of images, colors etc.; second it is to serve of instrument in the acquisition of knowledge and abilities in the process of historical learning. From the done observations it was possible to inquire: how they were produced, of the point of view graph-editorial the didactic books of history of Sergipe? Which the relations between this material conformation of manuals schools and the process of teach-learning of the history of Sergipe? To answer to these questionings were analyzed eight books of history of Sergipe produced between the years of 1973 and 2007, used in classroom in the initial years of education. The analysis occurred at two moments: in first the general characteristics - such as layer, number of pages, format, size etc. -, and the specific characteristics of each printed were verified - such as use of images, typographical variation, use of colors etc. -; in the one second, we verify the relations between the graphical resources used and the learning of the contents of history of Sergipe.

Keywords: Textbook, history of Sergipe, editorial project, education of History.

Mesmo quando, na mão de um professor ou de um escritor, ele não passa de um “instrumento de trabalho”, de uma “ferramenta”, o livro guarda a sua superioridade própria e venerável de veículo privilegiado, de forma pela qual a idéia se materializa e transmite.

Wilson Martins, 1996, p. 242.

O livro existe para dar expressão literária aos valores culturais e ideológicos. Seu aspecto gráfico é o encontro da estética com a tecnologia disponível.

Laurence Hallewell, 2005, p. 43

AGRADECIMENTOS

O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa define agradecer como: 1. mostrar ou manifestar gratidão, render graças; penhorar, reconhecer; 2. compensar de maneira equivalente; retribuir, recompensar.

Satisfazer a primeira definição é relativamente fácil. Já a segunda impõe ao pretendente o problema de, talvez, nunca poder corresponder às expectativas do(s) outro(s), por mais vigorosas que sejam suas tentativas. O texto apresentado nas páginas seguintes busca suprir as expectativas de todos que desde o início acreditaram ser possível brotar conhecimento da humilde semente que tenho plantada no meu limitado e humano cérebro. Espero ter conseguido.

Agradeço aos meus pais – Nilson e Miriam – pela oportunidade que me deram de ser um espírito livre, curioso, inconformado com o simples e atento ao mundo que me rodeia.

Aos meus irmãos – Hayd’, Hernani e Hedinilson - pelos incentivos e nada fáceis momentos de compreensão.

Aos meus sobrinhos – Nycolas, Maraiza, Lucas, Nana e Isa - por me darem a oportunidade de exercer somente a parte boa do papel de ser pai.

Aos colegas do Mestrado em Educação por todos os momentos partilhados nesse breve período. Em especial a Silvia Carolina, Cátia Matias e Simone Dias.

Aos professores do NPGED por compartilharem suas experiências, contribuindo de forma efetiva na realização dessa pesquisa.

Às amigas Clotilde Farias e Rosemeire Marcedo pelas boas risadas nesse não tão fácil período acadêmico. A Rose agradeço ainda as muito úteis anotações feitas durante a qualificação do texto.

Aos amigos Péricles Andrade e Fábio Alves pelas valiosas contribuições intelectuais e experiências de pesquisa, aos livros compartilhados e aos inúmeros momentos de amizade que ultrapassam os muros da academia.

Ao amigo Dilton Maynard, colega no Grupo de Estudos do Tempo Presente e que contribuiu muito nas observações feitas como membro da banca de qualificação.

À professora Anamaria Bueno, pela dedicação aos seus alunos, pelas valiosíssimas contribuições na banca de qualificação e pela honra da presença na banca de defesa dessa Dissertação.

À professora Margarida Dias, por aceitar o convite para a banca de defesa e pela disposição em dedicar-se à leitura da Dissertação, em meio às suas inúmeras atividades.

Ao meu orientador, Itamar Freitas, por não medir esforços para que esse trabalho fosse realizado, pela orientação livre e segura, aceitando meus limites e incentivando sempre a buscar o melhor. Pela inspiração intelectual e pela amizade, meu muito obrigado.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos durante o período do mestrado.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Trabalhos sobre projeto gráfico e/ou produção material de livro didático apresentados em encontros entre os anos de 2004 e 2008	03
Tabela 2 – Fases de produção de um impresso	07
Tabela 3 – Classificação e quantidade de unidades de sentido nos livros didáticos de história de Sergipe	11
Tabela 4 – Tamanhos de papéis de acordo com a norma DIN EN ISO 216	18
Tabela 5 – Formatos e tamanhos dos livros didáticos de história de Sergipe	18
Tabela 6 – Processos de encadernação dos livros didáticos de história de Sergipe	20
Tabela 7 – Parâmetros recomendados para a utilização na tipografia em livros infantis	45
Tabela 8 – Tamanho e corpo de texto e letras por linha nos livros didáticos de história de Sergipe	46
Tabela 9 – Cores nos livros didáticos de história de Sergipe	47
Tabela 10 – Tipos de imagens utilizadas nos livros didáticos de história de Sergipe	49
Tabela 11 – Funções didáticas das imagens	50

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A Matriz de Análise de Projetos Gráficos	13
Figura 2 – Formatos de um impresso	17
Figura 3 – Capa do livro <i>Minha terra, minha gente</i> (1973), de Acrísio Torres de Araújo	24
Figura 4 – Capa do livro <i>O novo Sergipe</i> (1986), de Genialda Matos de Oliveira	25
Figura 5 – Capa do livro <i>Para conhecer a história de Sergipe</i> (1998), de Lenalda Andrade Santos e Terezinha Alves de Oliva	26
Figura 6 – Capa do livro <i>Sergipe nossa história</i> (2007), de Antônio Wanderley de Melo Corrêa, Marcos Vinícius Melo dos Anjos e Luiz Fernando de Melo Corrêa	28
Figura 7 – Capa do livro <i>Sergipe história e geografia</i> (2007), de Celme Farias Medeiros e Eduardo Frigoletto de Menezes	29
Figura 8 – Aparência típica de um layout	31
Figura 9 – Página do livro <i>História de Sergipe</i> (1973), de Acrísio Torres de Araújo	33
Figura 10 – Folha de rosto do livro <i>Minha terra, minha gente</i> (1973), de Acrísio Torres de Araújo	34
Figura 11 – Página do livro <i>Sergipe e o Brasil</i> (1973), de Acrísio Torres de Araújo	37
Figura 12 – Página do livro <i>Vamos conhecer Sergipe</i> , de Déborah Neves	38
Figura 13 – Página do livro <i>Para conhecer a história de Sergipe</i> (1998), de Lenalda Andrade dos Santos e Terezinha Alves de Oliva	39
Figura 14 – Página do livro <i>Sergipe nossa história</i> (2007), de Antônio Wanderley de Melo Corrêa, Marcos Vinicius Melo dos Anjos e Luiz Fernando de Melo Corrêa	40
Figura 15 – Página do livro <i>Sergipe história e geografia</i> (2007), de Celme Farias Medeiros e Eduardo Frigoletto de Menezes	41
Figura 16 – Exemplos de aplicações de cores nos livros didáticos de história de Sergipe	48
Figura 17 – Página de exemplo da função motivadora	52
Figura 18 – Página de exemplo da função vicarial	53
Figura 19 – Página de exemplo da função catalisadora de experiência	54
Figura 20 – Página de exemplo da função informativa	55
Figura 21 – Página de exemplo da função explicativa	56
Figura 22 - Página de exemplo da função facilitadora redundante	57
Figura 23 - Página de exemplo da função estética	58
Figura 24 - Página de exemplo da função comprovadora	59

SUMÁRIO

Resumo

Abstract

Agradecimentos

Lista de Tabelas

Lista de Figuras

Introdução.....	01
1. Os formatos, os tamanhos, a encadernação e as capas.....	16
2. A diagramação.....	31
3. A tipografia, as cores e as imagens.....	43
Considerações finais.....	60
Fontes e Referências bibliográficas.....	62

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos do curso de Licenciatura em História, em meio às pesquisas para a elaboração da monografia para a conclusão do curso¹, fomos convidados pelo professor Itamar Freitas a fazer parte do Grupo de Pesquisas Sobre Ensino de História - GPEH, por ele coordenado, o qual tinha como pretensão, nos três anos seguintes, realizar uma investigação sobre a história da disciplina, sobre o livro didático e sobre a aprendizagem histórica. No tocante ao livro didático, seriam investigadas “as dimensões nas quais os livros são costumeiramente avaliados, a saber: História (Teoria e História da historiografia), Pedagogia (psicologias da aprendizagem e do ensino), Linguística (textual e análise do discurso) e Design (gráfico) [...]” (Freitas, 2009, p. 15).

Diante da experiência profissional na área do design gráfico – embora sem formação acadêmica –, inclusive com passagem por agências de publicidade, naturalmente nos inclinamos aos estudos que tratariam dos aspectos gráficos dos livros a serem pesquisados no projeto.

As leituras realizadas com o intuito de revisar a literatura referente ao tema, possibilitaram a constatação de uma considerável carência de estudos que dessem conta do livro didático enquanto impresso – e não somente dos conteúdos históricos e pedagógicos. Além disso, nos encorajaram a tomar as características materiais desses impressos como objeto de pesquisa.

No período entre o início da pesquisa dentro do GPEH até a elaboração e apresentação do projeto na seleção do Mestrado em Educação do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da UFS – apresentamos diversos trabalhos em eventos locais, nacionais e internacionais sobre a temática. Dentre eles, um artigo com o levantamento das soluções gráficas utilizadas nos livros didáticos de história de Sergipe, de 1897 a 2007².

Essa experiência acadêmica sobre o tema, o fácil acesso aos livros didáticos de história de Sergipe – existentes nas bibliotecas públicas, no acervo pessoal do nosso orientador e no nosso acervo, facilitando o inventário e estudos sobre o objeto – além da pesquisa feita para a produção do artigo citado, aliado à inexistência de estudos sobre a materialidade dos livros didáticos de história de Sergipe, nos levaram a construir o projeto de pesquisa do qual resultou a presente Dissertação.

¹ Ver MENEZES, Hermes Alves de. **A crítica historiográfica de Silvio Romero (1874-1888)**. Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, 2007.

² Ver MENEZES, Hermes Alves de. **Livros didáticos de história de Sergipe para as séries iniciais do ensino fundamental: um estudo das soluções gráficas (1897-2007)**. In: III Seminário Internacional de Educação, 2007. São Cristóvão-SE.

Nos poucos trabalhos encontrados sobre a temática³, os aspectos físicos do livro, relacionados ao formato, tipo de papel, fontes, organização das páginas, uso da cor, encadernação e outras referências ligadas ao projeto gráfico dos impressos ainda não receberam a devida atenção.

Em Sergipe, os artigos de Antônio Wanderley de Melo Corrêa⁴ e de Itamar Freitas⁵ fazem um alentado balanço da produção didática em nosso Estado, entretanto, as análises concentram-se em aspectos didático-pedagógicos do estudo da história ensinada, não se atendo à materialidade das obras, de que forma foram concebidas enquanto impresso. No Núcleo de Pós-Graduação em Educação – NPGED/UFS, apenas duas dissertações⁶ têm o livro didático como objeto, porém não se aprofundam nas análises da produção gráfico-editoriais dos impressos. Nos anais de cinco importantes encontros sobre ensino de história e livro didático no Brasil, entre os anos de 2004 e 2008, encontramos 797 trabalhos que tinham como objeto o livro didático. Apenas dois deles abordavam os aspectos gráfico-editoriais⁷.

³ Há um considerável número de trabalhos tratando do livro didático como produto editorial, produzido em programas de pós-graduação na área de Comunicação e Design. No entanto, esses trabalhos, via de regra, discutem apenas as características técnicas da produção, não abordando as funções educacionais e, portanto, não foram considerados neste estudo.

⁴ CORRÊA, Antônio Wanderley de Melo. Didáticos de história de Sergipe: 100 anos. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 8, 10, 12, 13 e 20 nov. 1998.

⁵ FREITAS, Itamar. O livro didático de história de Sergipe. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 29-30 jan. 2001.

⁶ Ver os trabalhos de SANTOS, Claudefranklin Monteiro. **Viajando com Bomfim e Bilac - Através do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Educação) Núcleo de Pós-Pós Graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe, 2003; e SANTOS, Vera Maria dos. **A Geografia e os seus livros didáticos sobre Sergipe: do século XIX ao século XX**. Dissertação (Mestrado em Educação) Núcleo de Pós-Pós Graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe, 2004.

⁷ São os textos de BOCCHINI, Maria Otília. Legibilidade visual e projeto gráfico na avaliação de livros didáticos pelo PNLD. In: **Anais do Simpósio Internacional Livro Didático: História e Leitura**. São Paulo: USP/FEUSP, 2007. p. 241-258 e MENEZES, Hermes Alves de. Linguagem visual e aprendizagem: um estudo das soluções gráficas em livros didáticos de História para as séries iniciais do ensino fundamental. **Anais do VI Encontro Perspectivas Sobre Ensino de História**. Natal/RN: UFRN, 2007.

Tabela 1 – Trabalhos sobre projeto gráfico e/ou produção material de livro didático apresentados em encontros entre os anos de 2004 e 2008.

Encontro	Trabalhos apresentados	Trabalhos sobre livros didáticos	Trabalhos sobre projeto gráfico/produção material
V Encontro Nacional Perspectivas sobre o Ensino de História – 2004	95	3	0
VII Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História – 2006	168	6	0
VI Encontro Nacional Perspectivas sobre Ensino de História – 2007	148	24	1
Simpósio Internacional Livro Didático – 2007	156	156	1
VIII Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História – 2008	230	22	0
Totais	797	211	2

Fonte: Anais dos eventos.

Como podemos constatar a escassez de trabalhos não é privilégio de Sergipe. Nos encontros nacionais com temáticas variadas no âmbito do ensino de História, o número de trabalhos sobre livro didático é reduzido (variando entre 2,8% a 35,5%), sendo quase inexistente quando se trata da produção material – mesmo dentro de um simpósio dedicado somente ao livro didático⁸.

É lugar comum nas pesquisas que fazem levantamentos sobre a produção acadêmica relativa ao ensino de História⁹ a constatação de uma lacuna no que concerne às análises voltadas à produção técnica do livro didático. Embora estudos sobre as imagens e o texto e suas relações com o ensino de História venham ganhando terreno, ainda são privilegiados os temas referentes aos usos do livro didático, às metodologias de ensino e aos programas curriculares.

Como bem aponta Thaís Nívia de Lima e Fonseca,

uma característica marcante no campo da pesquisa educacional [...] é a da preocupação com a possível aplicabilidade de estudos sobre o ensino na solução de problemas concretos da educação atual. Uma arraigada tradição na historiografia da educação entende a reflexão

⁸ Embora o Simpósio Internacional Livro Didático não tenha sido um evento exclusivo sobre os didáticos de História, a sua presença no levantamento serve para confirmar o pouco interesse dos pesquisadores sobre a temática no âmbito geral da pesquisa sobre os livros didáticos.

⁹ Ver, por exemplo, Lima e Fonseca (2006).

histórica como iluminação do passado sobre o presente, mas como lição para o futuro (Lima e Fonseca, 2006, p. 32).

Ou seja, pouco se valoriza estudos que analisam o processo de constituição histórica do ensino de História, bem como de temáticas que parecem “estar alheias” aos problemas do cotidiano educacional – como é o caso da produção material de livros didáticos – tratados como um tema de segunda ordem, em detrimento de análises que buscam um “porto salvador” para alunos e professores na sala de aula.

Dos raros estudos que trataram mais especificamente sobre o tema¹⁰, os mais representativos são o de Décio Gatti Júnior (2004), *A escrita escolar da História: livro didático e ensino do Brasil (1970-1990)*, no qual são abordados os manuais escolares brasileiros entre as décadas de 1970 e 1990, com uma pequena análise do formato, das capas e do número de páginas dos livros didáticos utilizados no período; a tese de doutoramento *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*, de Circe Bittencourt (1993), trabalho que faz incursões na produção material dos livros didáticos, tratando do formato, dos papéis utilizados na impressão das obras, dos agentes envolvidos no processo de produção – como impressores, autores e editores –, e a utilização de ilustrações e imagens; a tese de doutoramento de Kazumi Munakata (1997), *Produzindo livros didáticos e paradidáticos* – o estudo que mais se aprofundou nos elementos gráficos presentes no livro didático - na qual o autor dedica capítulo específico para estudar elementos gráficos presentes na diagramação dos didáticos; e, mais recentemente, José Cláudio Másculo (2008), orientado por Munakata, defendeu a tese *A coleção Sérgio Buarque de Hollanda: livros didáticos e ensino de História*, com momentos dedicados a revelar as características materiais dos livros didáticos por ele estudados.

Diante desse quadro, julgamos necessário o desenvolvimento de um estudo que levasse em conta as características do livro didático enquanto impresso e, ao mesmo tempo, trouxesse à luz as relações entre a produção didática e o ensino da história de Sergipe. Nosso objetivo foi o de conhecer as características gráfico-editoriais, as alterações e permanências nos materiais e processos de produção dos manuais didáticos, além de compreender o papel da conformação material desses impressos na aprendizagem da história sergipana.

Ao longo do texto buscamos evidenciar a importância das características materiais do livro didático de História na conformação dos conteúdos ensinados, considerando o livro didático como

¹⁰ Dentre os trabalhos citados é importante acrescentar o artigo *Livro didático em dimensões materiais e simbólicas*, no qual Antonia Terra de Calazans Fernandes (2004), a partir de relatos orais, apreende a materialidade do livro didático através da memória de alunos e professores entre as décadas de 1940 e 1970. Os entrevistados recordaram-se dos formatos, modelos (capa dura, pequenos, com gravuras), aspectos físicos (cor, grossura, capa), ilustrações, mapas, quadros e atividades.

“um artefato impresso em papel, que veicula imagens e textos em formato linear e seqüencial, planejado, organizado e produzido especificamente para uso em situações didáticas, envolvendo predominantemente alunos e professores, e que tem a função de transmitir saberes circunscritos a uma disciplina escolar” (Freitas, no prelo, p. 76-77). Dessa definição, inferimos duas características importantes do livro didático: a primeira é ser um impresso planejado – dessa forma, passa pelas mesmas etapas de construção de qualquer outro impresso (observadas logicamente suas especificidades); a segunda é servir de instrumento na aquisição de conhecimentos e habilidades no processo de aprendizagem histórica.

Os projetos editoriais têm considerado a função desempenhada pelos livros didáticos na aprendizagem? Acreditamos que não, uma vez que as decisões editoriais são definidas, também, por motivações que ultrapassam o âmbito educacional, tais como a ocupação de uma fatia do mercado editorial com perspectiva de grandes lucros. Entretanto, é possível, através da análise dos impressos indagar: como foram produzidos, do ponto de vista gráfico-editorial, os livros didáticos de história de Sergipe? Quais as relações entre essa conformação material dos manuais escolares e o processo de ensino-aprendizagem da história de Sergipe?

Para responder a estes questionamentos analisamos oito livros didáticos produzidos entre os anos de 1973 e 2007, que se encaixaram nos critérios de ser um manual para o ensino de História¹¹, ser produzido para utilização nos anos iniciais do ensino e possibilitar a identificação e comparação das técnicas de produção gráfica utilizadas¹².

PENSANDO O IMPRESSO

De que é feito um livro didático de História? De certo, de narrativas que mereceram, por parte do autor, tornarem-se relatos importantes sobre um determinado período. É feito

¹¹ Estão incluídos os livros que trazem conteúdos distintos de História e de Geografia e os denominados de Estudos Sociais. Os primeiros por fazerem parte de uma prática editorial ainda utilizada, de juntar os conteúdos das duas disciplinas em um único volume, herança, talvez, do período em que as disciplinas História e Geografia perderam a sua autonomia e foram integradas sob o nome de Estudos Sociais. Os livros de Estudos Sociais, embora tratem de conteúdos das duas disciplinas, permite ao pesquisador fazer uma análise de forma distinta.

¹² Dessa forma, não são estudadas a *Chorografia de Sergipe*, de Silva Lisboa e o *Quadro Chorográfico de Sergipe*, de Laudelino Freire, uma vez que corografias não são livros de história, mas um gênero que descreve aspectos físicos e naturais de determinado local acompanhados de alguns fatos históricos (cf. Freitas, 2007, p. 154-155). Segundo o Dicionário Houaiss, corografia é “uma descrição ou representação de um país, região ou área geográfica particular, num mapa ou carta, que explicita visualmente, através de código(s), as suas características mais notáveis” (Houaiss, 2001). Ficaram de fora, também, os livros não direcionados à escola ou direcionados a outro nível de ensino – a exemplo de *História de Sergipe*, de Felisbello Freire, e a *Pequena História de Sergipe*, de Acrísio Torres de Araújo. Decidimos, por fim, não incluir o livro *Meu Sergipe*, de Elias Montalvão - único representante do processo tipográfico de produção -, por ter sido publicado com espaço de 57 anos antes do livro posterior, de 1973, inviabilizando, do ponto de vista metodológico, uma análise coerente dos elementos a serem avaliados.

também de uma metodologia de ensino adequada ao objetivo de fazer com que as narrativas sejam introjetadas no universo de conhecimento dos alunos. É fato, porém, que as narrativas dos acontecimentos históricos, bem como as metodologias de ensino empregadas no livro didático necessitam de um mecanismo mediador para a sua transmissão. Os acontecimentos eleitos históricos são inseridos em um suporte que fixa materialmente a narrativa. Do mesmo modo, a metodologia de ensino se vale desse suporte para que consiga exercer sua função pedagógica através de uma série de mecanismos que ativem as percepções do aluno através dos elementos textuais e visuais presentes no livro.

Segundo Roger Chartier as

significações múltiplas e móveis de um texto dependem das formas por meio das quais é recebido por seus leitores (ou ouvintes).

Estes, com efeito, não se confrontam nunca com textos abstratos ideais, separados de toda a materialidade: manejam objetos cujas organizações comandam sua leitura, sua apreensão e compreensão partindo do texto lido. Contra uma definição puramente semântica do texto, é preciso considerar que as formas produzem sentido, e que um texto estável na sua literalidade investe-se de uma significação e de um estatuto inéditos quando mudam os dispositivos do objeto tipográfico que o propõem à leitura (Chartier, 1991, p. 178).

Essa característica especial do suporte de modificar as possibilidades de significado dos conteúdos encerra a possibilidade, também, de reconhecermos inúmeras condições possíveis de dispor esses conteúdos, ampliando consideravelmente seu poder de significação. O próprio Chartier afirma que “os autores não escrevem livros: não, escrevem textos que outros transformam em objetos impressos” (Chartier, 1991, p. 182).

Como todo objeto impresso, o livro didático passa por um processo de produção no qual estão envolvidas as etapas de projeção, pré-impressão, impressão e acabamento, definidas a partir de um projeto editorial que envolve as decisões de editores e autores e que tomam corpo a partir do que conhecemos como projeto gráfico.

Tabela 2 - Fases de produção de um impresso¹³.

Etapas	Fases
Projetação	a) Projeto gráfico b) Diagramação e/ou layout c) Artefinalização
Préimpressão	a) Digitalização de imagens b) Edição de imagens c) Provas de alta resolução d) Geração de fotolitos e) Revelação dos fotolitos f) Provas dos fotolitos
Impressão	a) Montagem da matriz e imposição das páginas b) Gravação das matrizes c) Revelação das matrizes d) Provas das matrizes e) Provas de impressão f) Impressão
Acabamento	a) Dobras b) Revestimentos c) Vernizes d) Refiles e) Cortes especiais e outros f) Encadernação g) Empacotamento

Fonte: Oliveira (2002, p. 10).

O projeto gráfico corresponde ao planejamento sobre a distribuição dos elementos utilizados em um impresso, de forma a garantir um resultado esteticamente harmonioso, visualmente legível e funcionalmente eficaz. Nele são definidas as características de formato, número de páginas, utilização de imagens, forma de diagramação, uso de cores, tipo de encadernação, acabamento etc. Nos impressos escolares, o projeto gráfico, além de suas funções estéticas, deve considerar os objetivos do processo de ensino e aprendizagem. Os livros didáticos de história de Sergipe têm ainda a característica de ferramenta de ensino de uma experiência histórica com tentativas de demarcação de um universo próprio, singular e diferenciador de identidades. Nestes manuais, se busca ensinar aos alunos atributos definidores de uma identidade regional – culinária, festas, folclore, artesanato, modos de viver etc. – que diferenciam determinado grupo social dos demais, mesmo que pertençam a um país

¹³ Com a introdução do computador nas artes gráficas, algumas fases em cada etapa acabaram por se fundir ou tornaram-se desnecessárias, como é o caso da geração de fotolitos na etapa de préimpressão. Equipamentos gráficos informatizados permitem que a diagramação seja impressa sem a necessidade do fotolito, enviando o trabalho direto do computador na qual foi finalizada para a impressora. Porém, o processo tal qual descrito ainda é padrão em boa parte da indústria gráfica - em especial nas empresas que não dispõe de recursos financeiros para investir em novos equipamentos.

que se convencionou chamar de Brasil¹⁴. Dessa forma, a construção gráfica e distribuição do conteúdo, devem remeter à aproximação do aluno com a história através de processos de percepção que desencadeiem, durante seu aprendizado, a formação dessa identidade.

Em pouco mais de três décadas – entre 1973 e 2007 – foram lançados nove livros de história de Sergipe voltados aos alunos das séries iniciais de ensino. Embora, estatisticamente, tenha sido cerca de três livros a cada década, na realidade o processo é bastante irregular, resultando, dentre outras coisas, na diferença visual imediatamente perceptível entre os livros. É importante salientar, que tais diferenças não foram consideradas do ponto de vista do melhor e o pior, uma vez que nem sempre um recurso avançado de composição resulta em um produto estético e pedagogicamente adequado ao ensino de História. Os elementos foram analisados observando a forma e a função na página impressa e tais recursos, invariavelmente, dependem de considerações estéticas e limitações técnicas inerentes a cada período.

Mas, o que é um livro didático de história de Sergipe impresso a partir da segunda metade do século XX? Algo não muito diferente no aspecto material dos livros impressos ainda no século XV, período em que o alemão Gutenberg revolucionou o mundo da impressão popularizando a prensa gráfica e os tipos móveis¹⁵; nem tão longe dos impressos produzidos no mesmo século XX no restante do país – uma vez que, conforme aponta Laurence Hellewel (2005, p. 605), a indústria gráfica nos Estados, imitou ou ficou a mercê do que era realidade nos grandes centros urbanos do país, como São Paulo e Rio de Janeiro.

Das mudanças inseridas por Gutenberg no século XV, pouca coisa no aspecto do objeto livro mudou: é formado de um miolo – as páginas internas –, envolvido por uma encadernação, geralmente em um material mais resistente. Em relação às divisões de partes, a mesma permanência com pequenas variantes: capa, contracapa, folha de rosto, versos da folha de rosto, índice ou sumário, dedicatória ou agradecimentos, prefácio ou apresentação, introdução ou prólogo, capítulos, conclusões, posfácio, referências ou bibliografia – e nos manuais didáticos – sessões de atividades ou exercícios.

¹⁴ A discussão sobre o papel do livro didático na formação de uma identidade nacional - e regional - está presente em centenas de textos publicados por inúmeros pesquisadores do ensino de História e não será travada aqui uma vez que foge ao escopo do presente trabalho. Ver, por exemplo: SIMAN, Lana Mara de Castro; LIMA E FONSECA, Thais Nívia de (orgs.). **Inaugurando a história e construindo a nação: discursos e imagens no ensino de história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.; FONSECA, Selva Guimarães. O estudo da história local e a construção de identidades. In: **Didática e prática de ensino de História**. 7 ed. Campinas/SP: Papirus, 2003. p. 153-161.; LEITE, Juçara Luzia. Construção identitária e livro didático regional de História: uma prática geracional de escrita de si. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. **O livro didático de História: políticas educacionais, pesquisas e ensino**. Natal: EDUFRRN, 2007. p. 189-197.

¹⁵ A utilização de caracteres móveis já era comum entre os fundidores europeus desde o século XIII, porém, é somente a partir do trabalho de Gutenberg que a tipografia adquire realidade técnica e possibilidade de existir efetivamente, daí a importância do impressor alemão (cf. Martins, 2006, p. 135).

Falar em permanências não necessariamente se refere a imobilidade dos processos de produção desses impressos, uma vez que, embora a tradição do livro imponha suas características gerais, especificamente nas etapas desde a escrita ao acabamento final, muitas e grandes mudanças ocorreram ao longo do tempo¹⁶. Desde o modo como se compõe o texto original, passando pela produção e uso de imagens, da disposição dos elementos na página, da escolha de formatos e tamanhos, do tipo de papel, do uso de cores, dos processos de impressão e acabamento até as possibilidades de uso a partir do suporte material finalizado, o uso de novas técnicas e materiais, ao lado das mudanças estéticas mudaram o perfil dos livros – e dos livros didáticos.

A análise das fontes revelou dois períodos relativamente bem definidos na produção gráfica dos livros de história de Sergipe: a composição mecânica e a composição digital (realizada no computador), com sensíveis traços nas mudanças visuais e na utilização de elementos gráficos específicos em cada período, ambos utilizando a impressão **offset**¹⁷.

Na realidade, os livros didáticos de história de Sergipe produzidos no período observado apresentam marcantes diferenças visuais e materiais nos permitindo conjecturar que foram produzidos a partir dos recursos técnicos – materiais e humanos – disponíveis às gráficas/editoras no momento da produção do impresso.

Após a seleção inicial das fontes procedemos a análise dos livros em duas etapas. Na primeira delas, observamos os elementos gráfico-editoriais presentes nos impressos, a partir de uma ferramenta de análise denominada *Matriz de Análise de Projetos Gráficos de Livros Didáticos*¹⁸. Desenvolvemos essa ferramenta ainda nos estudos iniciais sobre a produção dos livros didáticos de História no país, dentro do Grupo de Pesquisas Sobre Ensino de História – GPEH/UFS, tomando por base estudos realizados pelos pesquisadores Solange Galvão

¹⁶ De acordo com Martins, a partir do século XIX “é o progresso técnico que vai introduzir na imprensa as suas mais fundas transformações desde o século XV: elas podem se comparar, pela mudança completa e total que representam, modificando, inclusive, a ‘atitude mental’ do homem perante a palavra escrita, a que então ocorrera, provocada pela invenção de Gutenberg. [...] a partir dos meados do século XIX, mas sobretudo na primeira metade do seguinte, a tipografia se transforma de artesanato em indústria, adquirindo todos os caracteres de uma atividade fabril” (Martins, 1996, p. 226-231).

¹⁷ Principal processo de impressão a partir da segunda metade do século XX, a impressão offset garante “boa qualidade para médias e grandes tiragens e praticamente em qualquer tipo de papel e alguns tipos de plástico (especialmente o poliestireno). Processo planográfico, originário da litografia, ele faz uma impressão indireta: há um elemento intermediário entre a matriz e o papel, que é chamado de blaqueta. A imagem que está na matriz (que é metálica e é simplesmente chamada de chapa) é transferida para um cilindro coberto com borracha (a blaqueta) e, daí, para o papel. Em resumo: a matriz imprime a blaqueta e esta imprime o papel. O termo offset vem da expressão offset lithography - que, ao pé da letra, significa litografia fora-do-lugar, fazendo menção justamente à impressão indireta (na litografia, a impressão era direta, com o papel tendo contato com a matriz). Na segunda metade dos anos 1990, o offset passou a contar com um aperfeiçoamento fundamental: as máquinas dotadas de sistema CTP (computer-to-press), que permitem a entrada de dados de arquivos digitais diretamente na impressora, onde é feita a gravação das chapas e dispensando fotolitos” (Oliveira, 2002, p. 41-42).

¹⁸ Sobre a *Matriz*, ver MENEZES, Hermes Alves de. *Matriz para a análise de projetos gráficos de livros didáticos*. In: FREITAS, Itamar (Org.). **História regional para a escolarização básica no Brasil: o texto didático em questão** (2006/2009). São Cristóvão: Editora da UFS, 2009. p. 123-136.

Coutinho e José Fábio Luna da Silva¹⁹, da Universidade Federal de Pernambuco. A *Matriz* permite distinguir os elementos que compõe o projeto gráfico dos livros tais como encadernação, número de páginas, dimensões, tipografia, cores, diagramação e imagens, fornecendo informações detalhadas sobre a construção material do impresso. Tabulamos os resultados e referenciamos os elementos ao tipo de processo gráfico utilizado em sua produção. Na segunda etapa, analisamos os elementos gráfico-editoriais do ponto de vista de sua contribuição no processo de aprendizagem, a partir de sua utilização no impresso.

A primeira etapa da análise, utilizando a *Matriz*, possibilitou verificar os aspectos materiais do impresso e colher as informações dos projetos gráficos de cada livro a partir de unidades de sentido – páginas duplas abertas. As unidades também foram classificadas, como segue: Pretextuais (referente aos elementos anteriores ao conteúdo principal do livro: folhas de rosto, fichas catalográficas, sumários, agradecimentos etc.); Entradas de Unidades e/ou Capítulos (nem sempre presente em todos os livros e que, geralmente, introduzem o assunto a ser estudado); Conteúdo (nas quais se encontram o conteúdo propriamente dito); Atividades (nas quais estão inseridas as atividades/exercícios); e Postextuais (referentes aos elementos posteriores ao conteúdo principal da obra: notas, referências, anexos etc.).

Em um banco de dados digital, preenchemos para cada uma dessas unidades informações constantes na *Matriz*: a seção *Informações Gerais* foi preenchida apenas uma vez para cada livro, as demais – *Diagramação*, *Técnicas de composição*, *Cores*, *Imagens* e *Tipografia* –, foram preenchidas em número igual ao de unidades de cada livro.

¹⁹ Segundo estes autores, para livros direcionados às crianças, “os aspectos que envolvem a configuração gráfica do conteúdo informacional precisam estar coerentes quanto aos padrões ou recomendações de legibilidade e ergonomia pré-estabelecidas pela literatura especializada”, destacando-se a cor, a tipografia e a imagem pictórica, devendo conter cores luminosas, intensas e contrastantes, tamanhos de fontes adequados à idade o aluno e imagens que exerçam função ativa na leitura, compreensão e desenvolvimento da criança. (COUTINHO; SILVA, 2006, p. 6-8).

Tabela 3 - Classificação e quantidade de unidades de sentido nos livros didáticos de história de Sergipe.

Livro	Pretextual	Unidade/Capítulo	Conteúdo	Atividade	Postextual
História de Sergipe	5	6	33	27	1
Sergipe e o Brasil	3	1	34	34	0
Minha Terra, Minha Gente	3	27	25	25	0
Vamos conhecer Sergipe ²⁰	0	0	30	27	0
O novo Sergipe	4	4 ²¹	21	0	2
Para conhecer a história de Sergipe	5	18	56	0	4
Sergipe nossa história	4	28	39	24	3
Sergipe história e geografia	11	12	29	16	0

Fonte: Livros didáticos de história de Sergipe.

Cada elemento foi referenciado ao processo gráfico utilizado em sua execução. Essa identificação possibilitou a constatação de dois momentos distintos na produção dos livros didáticos de história de Sergipe: os livros produzidos até o início da década de 1980 apresentam características da composição mecânica, ainda sem a utilização de computadores, com limitação no uso de cores, poucos efeitos e/ou tratamento das imagens e tímidos recursos de retícula²². Já os livros produzidos a partir do final da década de 1980 apresentam características evidentes da utilização de computadores no processo de composição gráfica, com variação na tipografia, uso das cores não só na capa como no miolo do livro e novos efeitos visuais nas imagens, possibilitados por softwares de editoração eletrônica – já indicando o caminho que foi seguido pela produção editorial a partir de então.

Com essas informações coletadas, foi possível realizar a segunda parte da análise, na qual verificamos a utilização dos elementos gráfico-editoriais nos impressos, sendo possível relacionar seu grau de interação com o conteúdo, e perceber sua relevância no processo de aprendizagem da história de Sergipe.

A pesquisa se beneficiou das discussões relativas ao *alfabetismo visual*, defendida pela pesquisadora americana Donis A. Dondis, as quais nos permitiram perceber em que medida

²⁰ Os dados são parciais, em virtudes do exemplar que conseguimos não possuir a capa e algumas páginas.

²¹ Embora o sumário indique cinco unidades, o livro apresenta apenas as I, III, IV e V. Não há unidade II

²² A retícula é uma “chapa de vidro, ou película transparente, em que se acham gravados, de maneira quase imperceptível, pontos, traços ou outros elementos gráficos em quantidade variável de linhas por centímetro quadrado. Colocada em contato com o filme ou exposta à ação de uma câmara fotográfica, enseja a decomposição do original (foto ou desenho) de tom contínuo em pontos para a reprodução dos meio-tons” (Guilherme, 1996, p. 107).

os elementos e as opções das técnicas visuais, foram selecionados, combinados, manipulados e têm relação com o significado pretendido (cf. Dondis, 1997, p. 4). Segundo a autora, os artistas gráficos devem observar, durante a construção dos seus trabalhos, alguns preceitos essenciais ao sucesso da transmissão da mensagem pretendida pelos impressos, sejam eles quais forem – **folders**, cartazes, livros, revistas, jornais, livros didáticos etc. – contribuindo para um processo de alfabetismo visual, tal qual o que temos com relação aos textos.

Segundo a autora, na escola ainda persiste “uma ênfase no modo verbal, que exclui o restante da sensibilidade humana, e pouco ou nada se preocupa com o caráter esmagadoramente visual da experiência de aprendizagem da criança”. E completa: “os recursos de comunicação que vêm sendo produzidos e usados com fins pedagógicos são apresentados com critérios muito deficientes para a avaliação e a compreensão dos efeitos que produzem” (Dondis, 1997, p. 17). Não é de espantar, portanto, que encontremos livros didáticos nos quais os conteúdos pedagógicos são produzidos e dispostos sem qualquer ligação com os elementos visuais. Essa compartimentalização acaba gerando um produto final pouco eficaz, ora destacando os conteúdos pedagógicos, ora ressaltando os conteúdos visuais, nem sempre apresentando harmonia entre ambos.

Em nossa pesquisa, privilegiamos os estudos baseados no que Roger Chartier caracteriza como *protocolos de leitura*. Uma vez que nos restringimos ao universo de produção dos livros didáticos de história de Sergipe, não abordando os usos do impresso por alunos/leitores, nos detivemos aos *protocolos de leitura do autor e do editor*. O pesquisador francês ressalta que devemos fazer distinção entre dois conjuntos de dispositivos: “os que destacam estratégias textuais e intenções do autor, e os que resultam de decisões dos editores ou de limitações impostas por oficinas impressoras” (Chartier, 1998, p. 17). Do ponto de vista dos primeiros, está a organização de parágrafos, a utilização de determinado tipo e tamanho do tipo, ou o uso de negrito, sublinhado, itálico; do ponto de vista dos segundos, o formato e o tamanho do livro, o uso de cores, o tipo de papel, também a utilização de determinado tipo e tamanho do tipo, o uso de imagens e até reparações no próprio conteúdo para se adequar ao pretendido.

As discussões acerca da *aprendizagem* das crianças como um processo efetivado em diferentes momentos, através de rupturas e continuidades, levando em conta os aspectos físicos, cognitivos e afetivos – realizadas por Jean Piaget e por L. S. Vigotski –, nortearam nossos estudos buscando entender as relações entre os elementos gráfico-visuais e os conteúdos dos livros didáticos e as formas como aqueles agem nos processos desencadeadores da percepção do aluno durante o processo de aprendizagem. Nossas análises consideraram o papel dos elementos gráfico-editoriais como ativadores das funções

constituintes do processo de aprendizagem, tais como as ideias de seriação, espaço, tempo, causa e acaso – importantes no aprendizado da História –, bem como o papel daqueles elementos no despertar da atenção e estímulo da memória dos alunos.

Figura 1 – A Matriz de Análise de Projetos Gráficos.

MATRIZ DE ANÁLISE DO PROJETO GRÁFICO EM LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA GRUPO DE PESQUISAS EM ENSINO DE HISTÓRIA – DED-UFS.															
Informações gerais															
Nome da Coleção Volume Série Formato Nº de Páginas Encadernação ☐ Espiral ☐ Brochura ☐ Outro Cores de impressão ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 Tipo de Papel															
Diagramação															
Forma ☐ Geométrica ☐ Orgânica Disposição ☐ Aleatória ☐ Sequencial															
Técnicas de composição															
<table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 30%; vertical-align: top;">Contraste</td> <td style="width: 20%; vertical-align: top;"> ☐ Instabilidade ☐ Complexidade ☐ Ousadia ☐ Justaposição </td> <td style="width: 20%; vertical-align: top;"> ☐ Assimetria ☐ Fragmentação ☐ Ênfase ☐ Acaso </td> <td style="width: 30%; vertical-align: top;"> ☐ Irregularidade ☐ Exagero ☐ Variação ☐ Profundidade </td> </tr> <tr> <td colspan="4" style="border-top: 1px solid black; height: 10px;"></td> </tr> <tr> <td style="vertical-align: top;">Harmonia</td> <td style="vertical-align: top;"> ☐ Equilíbrio ☐ Simplicidade ☐ Sutileza ☐ Singularidade </td> <td style="vertical-align: top;"> ☐ Simetria ☐ Unidade ☐ Neutralidade ☐ Sequencialidade </td> <td style="vertical-align: top;"> ☐ Regularidade ☐ Minimização ☐ Estabilidade ☐ Planura </td> </tr> </table>				Contraste	☐ Instabilidade ☐ Complexidade ☐ Ousadia ☐ Justaposição	☐ Assimetria ☐ Fragmentação ☐ Ênfase ☐ Acaso	☐ Irregularidade ☐ Exagero ☐ Variação ☐ Profundidade					Harmonia	☐ Equilíbrio ☐ Simplicidade ☐ Sutileza ☐ Singularidade	☐ Simetria ☐ Unidade ☐ Neutralidade ☐ Sequencialidade	☐ Regularidade ☐ Minimização ☐ Estabilidade ☐ Planura
Contraste	☐ Instabilidade ☐ Complexidade ☐ Ousadia ☐ Justaposição	☐ Assimetria ☐ Fragmentação ☐ Ênfase ☐ Acaso	☐ Irregularidade ☐ Exagero ☐ Variação ☐ Profundidade												
Harmonia	☐ Equilíbrio ☐ Simplicidade ☐ Sutileza ☐ Singularidade	☐ Simetria ☐ Unidade ☐ Neutralidade ☐ Sequencialidade	☐ Regularidade ☐ Minimização ☐ Estabilidade ☐ Planura												
Cores															
Tonalidade ☐ Reticula ☐ Cor Pura Matiz ☐ Quente ☐ Fria Função ☐ Organização ☐ Destaque ☐ Hierarquia ☐ Direciona a leitura															
Imagens															
<table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 30%; vertical-align: top;">Tipo</td> <td style="width: 20%; vertical-align: top;"> ☐ Diagrama ☐ Gráfico ☐ Tabela ☐ Mapa </td> <td style="width: 20%; vertical-align: top;"> ☐ Fotografia ☐ Ilustração ☐ Desenho ☐ Pintura </td> <td style="width: 30%; vertical-align: top;"> ☐ Gravura ☐ Recorte </td> </tr> <tr> <td colspan="4" style="border-top: 1px solid black; height: 10px;"></td> </tr> <tr> <td style="vertical-align: top;">Funções</td> <td style="vertical-align: top;"> ☐ Motivadora ☐ Catalisadora ☐ Explicativa ☐ Estética </td> <td style="vertical-align: top;"> ☐ Vicarial ☐ Informativa ☐ Facilitadora ☐ Comprovadora </td> <td></td> </tr> </table>				Tipo	☐ Diagrama ☐ Gráfico ☐ Tabela ☐ Mapa	☐ Fotografia ☐ Ilustração ☐ Desenho ☐ Pintura	☐ Gravura ☐ Recorte					Funções	☐ Motivadora ☐ Catalisadora ☐ Explicativa ☐ Estética	☐ Vicarial ☐ Informativa ☐ Facilitadora ☐ Comprovadora	
Tipo	☐ Diagrama ☐ Gráfico ☐ Tabela ☐ Mapa	☐ Fotografia ☐ Ilustração ☐ Desenho ☐ Pintura	☐ Gravura ☐ Recorte												
Funções	☐ Motivadora ☐ Catalisadora ☐ Explicativa ☐ Estética	☐ Vicarial ☐ Informativa ☐ Facilitadora ☐ Comprovadora													
Tipografia															
Nº de fontes ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ou mais Tamanho ☐ 10 ☐ 12 ☐ 14 ☐ Maior que 14 Nº de letras por linha Tipo da fonte ☐ Stand ☐ Cursiva ☐ Display Serifa ☐ Sim ☐ Não Caixa ☐ Baixa ☐ Alta ☐ Versalete Peso ☐ Light ☐ Média ☐ Bold Classe ☐ Itálico ☐ Condensado ☐ Expandido Alinhamento ☐ Direito ☐ Esquerdo ☐ Centralizado ☐ Justificado ☐ Inclinado ☐ Acompanha ilustração															

Para uma abordagem das cores, o conceito utilizado em nosso trabalho foi o de *cor como informação*, desenvolvido por Luciano Guimarães (2000), o qual nos permite identificar, inicialmente, os princípios que podem direcionar a compreensão da cor como um código específico da comunicação humana, e que respondem, principalmente, às variantes culturais de suas aplicações e os fatores que interferem na manutenção ou na mudança desses códigos (cf. Guimarães, 2000, p. 4). Para Guimarães, as cores incorporam valores, regras e códigos originados de diversos campos semânticos – religioso, político, técnico etc. –, são responsáveis pela maneira diferenciada como a cor se manifesta no material no qual é utilizada.

Por fim, consideramos as formulações de Rodríguez Diéguez relativas às *funções das imagens na educação*: motivadora, vicarial, catalisadora, informativa, explicativa, facilitadora redundante, estética e comprovadora. Para Diéguez, “parece necesario que los códigos icónicos tomen carta de naturaleza en la enseñanza em estrecha conexión com los verbales. La hibridación verboicónica habria de facilitar de forma evidente la eficacia comunicativa”²³ (Diéguez, 1977, p. 34).

Ainda segundo Diéguez,

la forma más usual, socialmente hablando, de transmisión verboicónica viene definida pelo contraste entre una imagen cuya carga connotativa suele ser alta y um language verbal con orientación predominantemente denotativa. La imagen tiende más, genericamente hablando, a la polisemia que la palabra”²⁴ (Diéguez, 1977, p. 34).

Podemos pensar, então, que o uso de imagens que possibilitam uma variedade de interpretações, juntamente com um texto que apresenta um sentido unívoco, é o ideal para uma eficiente transmissão de informações.

O trabalho está dividido em três capítulos: no primeiro, *Os formatos, os tamanhos, a encadernação e as capas*, foram estudados os elementos que integram o conjunto mais visível dos livros e que oferecem a impressão inicial sobre o impresso. No segundo, *A diagramação*, discutimos as características da disposição dos elementos gráfico-editoriais nos livros. No terceiro capítulo, *A tipografia, as cores e as imagens*, foram analisados os elementos mais diretamente ligados à forma final dos conteúdos. O conjunto dos capítulos buscou formar um

²³ “Parece necessário que os códigos icônicos tornem-se naturais no ensino em estreita conexão com os verbais. A hibridação verboicônica facilitaria de forma evidente a eficácia comunicativa” (tradução livre).

²⁴ “A forma mais usual, socialmente falando, de transmissão verboicônica vem definida pelo contraste entre uma imagem cuja carga conotativa é alta e uma linguagem verbal com orientação predominantemente denotativa. A imagem tende mais, genericamente falando, à polissemia que a palavra” (tradução livre).

quadro elucidativo das técnicas e dos recursos gráfico-editoriais presentes na produção dos manuais, bem como a utilização desses recursos para o ensino da história de Sergipe.

1. OS FORMATOS, OS TAMANHOS, A ENCADERNAÇÃO E AS CAPAS²⁵

Na primeira etapa do processo editorial, chamada de projeção (cf. Tabela 3), o projeto gráfico define as características iniciais do impresso. As primeiras delas são o formato e o tamanho que o produto final deverá apresentar. De acordo com Oliveira (2002) três fatores estão envolvidos no formato final do impresso: o custo – diretamente ligado ao aproveitamento do papel; a estética – ligado às possibilidades de uso de elementos gráficos que imprimam beleza ao projeto; e a usabilidade – sendo crucial nesse aspecto a utilização de formatos já consagrados pelo uso – a exemplo dos cartões de visita e postais (podemos inserir aí os livros didáticos).

O livro *Sergipe nossa história* (2007), trouxe uma característica inusitada aos livros didáticos sergipanos produzidos até então: o formato “quadrado”. Mas a mudança de forma não é exclusiva deste manual. Na década de 1980, o livro *Vamos conhecer Sergipe*, de Déborah Neves, foi concebido no formato “paisagem”, possibilitando a diagramação de quatro páginas por folha – embora o seu tamanho de 28 X 20 cm se aproximasse, inversamente, dos atuais livros didáticos (20,5 X 27,5 cm²⁶), onde são diagramadas duas páginas por folha. Nesse caso, a forma possibilitou novas maneiras de distribuição do conteúdo.

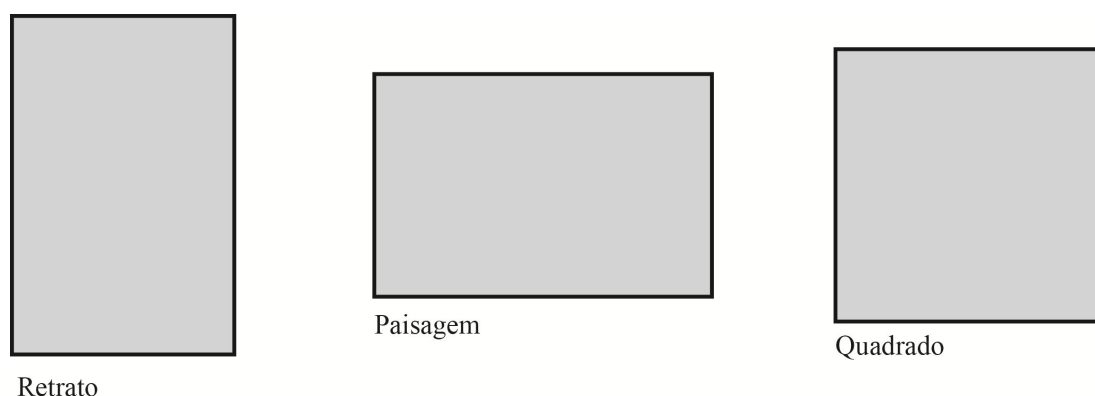
Como nos esclarece Haslam,

o formato é determinado pela relação entre a altura e a largura da página (no jargão das gráficas editoriais no Brasil a referência ao formato é feita pela largura e depois pela altura). Na indústria editorial, o termo “formato” é algumas vezes usado erroneamente, fazendo referência a um determinado tamanho. Entretanto, livros de diferentes dimensões podem compartilhar de um mesmo formato. Os livros são geralmente projetados em três formatos: retrato, formato cuja altura da página é maior que a largura; paisagem, formato cuja altura da página é menor que a largura; e quadrado. [...] Em termos práticos, a escolha do formato de um livro determina o design do modelo que conterá as idéias do autor. (Haslam, 2007, p. 30).

²⁵ As informações sobre a capa do livro *Vamos conhecer Sergipe*, de Déborah Neves não puderam ser coletadas em razão do único exemplar a que tivemos acesso estar sem a capa e sem algumas páginas.

²⁶ Esse tamanho foi adotado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), instituído pelo Governo Federal, e tornou-se padrão uma vez que o programa representa, no caso de muitas editoras, a maior fonte de recursos destas empresas.

Figura 2 - Formatos de um impresso.



Uma breve incursão aos exemplares de livros escolares deixa clara a predominância do formato “retrato”, um padrão na indústria do livro que só é rompido com frequência nas publicações de livros de arte ou impressos específicos.

O tamanho de um livro tem relação com o número de vezes em que a folha de impressão original foi dobrada para resultar no livro final, variando à medida que varia o tamanho da folha original²⁷, sendo os mais comuns: *in-folio* (cada folha de impressão é dobrada em duas, resultando em quatro páginas); *in-quarto* (cada folha é dobrada em quatro, resultando oito páginas de impressão); *in-octavo* (cada folha é dobrada em oito, resultando 16 páginas de impressão); *in-doce* (cada folha é dobrada em doze, resultando 24 páginas de impressão). Outros tamanhos podem ser obtidos a partir da combinação de diversos tamanhos menores. Essa nomenclatura, no entanto, é utilizada hoje apenas para identificar o número de páginas do caderno, não tendo a ver efetivamente com o tamanho do impresso.

Outra forma de definir o tamanho do livro é a partir do formato DIN EN ISO 216, adotado como norma européia em 1975 e derivado do DIN 476 instituído na Alemanha em 1922 pelo **Deutsches Institut für Normung**²⁸ – daí suas iniciais DIN –, o qual estabelece letras e números para os formatos que vão do A0 ao A10²⁹ (cf. Araújo, 2008, p. 350-351).

²⁷ A folha original é chamada de *in-plano*, não sendo dobrada e resultando apenas em duas páginas: o reto e o verso.

²⁸ Instituto Alemão de Normatização.

²⁹ Além da série A, o DIN ISO 216 incorpora séries adicionais e combinações entre séries (B, C, E-A, E-B, etc.) para finalidades variadas, desde a confecção de cartazes a sobrecapas e envelopes.

Tabela 4 – Tamanhos de papéis de acordo com a norma DIN EN ISO 216.

Tamanho	Tamanho (em cm)	Tamanho	Tamanho (em cm)
A0	84,1 X 118,9	A6	10,5 X 14,8
A1	59,4 X 84,1	A7	7,4 X 10,5
A2	42 X 59,4	A8	5,2 X 7,4
A3	29,7 X 42	A9	3,7 X 5,2
A4	21 X 29,7	A10	2,6 X 3,7
A5	14,8 X 21		

Fonte: Araújo, 2008, p. 351.

No Brasil, os formatos de papel utilizados para a impressão de livros seguem um padrão diferente, sendo os mais comuns para a impressão de livros didáticos o formato Americano (AM), onde se pode imprimir 64 páginas de 14 X 21 cm; o formato Francês, onde se pode imprimir 64 páginas de 13,5 X 20,5 cm; e o formato BB (ou 2B), onde se pode imprimir 32 páginas de 16 X 23 cm (cf. Araújo, 2008, p. 353).

Do ponto de vista do formato, Araújo ainda esclarece que existem determinados formatos que proporcionam melhor aproveitamento de cada folha e economia nos custos. São eles: 16 X 23 cm, 14 X 21 cm, 21 X 28 cm, 12 X 18 cm e 17 X 24 cm.

Tabela 5 – Formatos e tamanhos dos livros didáticos de história de Sergipe.

Livro	Formato	Tamanho (em cm)
História de Sergipe	Retrato	16 X 23,5
Sergipe e o Brasil	Retrato	16 X 23,5
Minha Terra, Minha Gente	Retrato	16 X 23,5
Vamos conhecer Sergipe	Paisagem	27,5 X 20
O novo Sergipe	Retrato	20 X 27,5
Para conhecer a história de Sergipe	Retrato	18 X 23,5
Sergipe nossa história	Quadrado	20,5 X 20,5
Sergipe história e geografia	Retrato	20 X 27,5

Fonte: Livros de história de Sergipe.

Podemos observar pela Tabela 5, que nenhum dos didáticos de história de Sergipe segue um padrão de tamanho –, seja DIN EN ISO 216, seja Americano, Francês ou 2B, seja dos formatos “econômicos”. Essa diferença expõe o pouco cuidado dispensado à produção dos livros de história de Sergipe e pode se dever a adaptações ao maquinário de impressão das oficinas gráficas – principalmente às mais antigas –, ao despreparo dos profissionais ligados à projeção do livro, ou ainda a erros causados no processo de acabamento dos impressos. Este último fator pode ser verificado nos livros que, embora não estejam exatamente dentro das medidas padronizadas, delas

se aproximam por milímetros: é o caso de *Vamos conhecer Sergipe, Sergipe nossa história e Sergipe história e geografia*.

Atualmente, o tamanho 20,5 X 27,5 cm³⁰ é o padrão utilizado nos didáticos em todos os níveis escolares. Alguns autores, no entanto, são contrários a esta medida alegando que tenderiam a prejudicar a tarefa de leitura, bem como a saúde das crianças por serem livros mais pesados para transportar.³¹ O que ressaltamos, entretanto, é o fato de que a variedade de tamanhos reflete configurações diferenciadas do conteúdo na página. Uma vez que a inserção de textos, figuras e demais elementos têm seus limites impostos pelo formato e tamanho do suporte, por conseguinte, o conteúdo será organizado pelo diagramador³² e explorado e apropriado pelo aluno de forma também diversa em cada livro.

Chartier alerta para o fato de que os textos não sobrevivem fora dos suportes em que são inseridos. Não há compreensão descolada do formato em que o conteúdo se exprime. Dizendo de outra forma, a materialidade do impresso faz parte da maneira como o conteúdo será visualizado, lido – ou visto – e compreendido:

Contra a representação elaborada pela própria literatura e retomada pela mais quantitativa das histórias do livro – segundo a qual o texto existe em si mesmo, isolado de toda a materialidade – deve-se lembrar que não há texto fora do suporte que o dá a ler (ou ouvir), e sublinhar o fato de que não existe a compreensão de um texto, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele atinge o seu leitor (Chartier, 1998, p. 17).

Como primeira etapa do projeto gráfico, a definição do formato e tamanho do impresso é fundamental para a escolha dos outros elementos, uma vez que possibilitam, dificultam ou impedem a utilização de determinado tipo específico de encadernação, diagramação, tipos e tamanhos de imagens - principalmente relacionados à exibição de detalhes -, escolha da tipografia e disposição dos textos, uso de cores etc. Nos livros escolares, a definição do tamanho traz consequências ainda para o manuseio, dentro ou fora da sala de aula, bem como o transporte do manual por parte dos alunos e professores. Sendo, em alguns casos, o principal e, às vezes,

³⁰ Esse é o tamanho padrão exigido nos editais do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, mantido pelo Governo Federal. Essa medida se adequa à impressão no tamanho econômico de 21 X 28 cm. Apenas o livro *Sergipe: história e geografia* (2007) tem esse tamanho.

³¹ Ver Bocchini, 2007, p. 245. Discordamos da opinião de Bocchini. Tanto nos livros didáticos utilizados no PNLD quanto nos de História de Sergipe que analisamos neste trabalho o tamanho não interfere na manipulação da obra; e o peso só deve ser levado em conta quando se observa a utilização de diversos livros em um mesmo período de aula, quando são carregados em conjunto.

³² É o profissional responsável pela distribuição gráfica de textos e imagens a serem utilizados em um impresso.

único recurso didático utilizado, o formato e o tamanho do livro devem proporcionar que seja possível transportá-lo e manuseá-lo de forma fácil e prazerosa, estimulando o aprendizado.

Definido o formato e tamanho, o tipo de encadernação é escolhido – embora faça parte da última etapa do processo de produção, a definição do tipo de encadernação no projeto gráfico do livro orienta a escolha do tipo de capa³³, que por sua vez orienta o **designer** na escolha da melhor solução visual a ser aplicada.

De acordo com Faria e Pericão (2008), a encadernação é a “operação de juntar as folhas de um livro, costurando o caderno e cobrindo o corpo do volume com uma capa mais grossa e sólida que a folha vulgar. Visa dar ao livro uma unidade material que facilite sua leitura e o preserve da destruição e perda” (Faria; Pericão, 2008, p. 280). Embora descrevam o processo como o ato de costurar o caderno, as próprias autoras listam mais uma centena de outras maneiras de encadernação com os mais diversos materiais.

Como todo processo ligado ao livro, a encadernação desenvolveu ao longo do tempo técnicas diferenciadas, ora por razões estéticas – edições luxuosas para reis, políticos ou ricos colecionadores –, ora por razões técnicas – barateamento dos custos de produção, facilidade de uso de materiais diferentes, modificação dos processos de produção dos impressos etc., embora mantendo características básicas dos primeiros códices³⁴.

Tabela 6 – Processos de encadernação dos livros didáticos de história de Sergipe.

Livro	Encadernação
História de Sergipe	Grampo e Cola
Sergipe e o Brasil	Grampo e Cola
Minha Terra, Minha Gente	Grampo e Cola
Vamos conhecer Sergipe	Cola
O novo Sergipe	Grampo e Cola
Para conhecer a história de Sergipe	Cola
Sergipe nossa história	Grampo
Sergipe história e geografia	Espiral

Fonte: Livros didáticos de história de Sergipe.

³³ Oliveira informa que “há basicamente, três tipos: a. Capa brochura - realizada com o mesmo papel do miolo ou com um tipo de papel mais encorpado e brilhoso (em geral, o couché), é típica da encadernação canoa, da lombada quadrada e livros com costura e cola. Em livros, é em geral utilizado o papel triplex, em torno de 250g/m². b. Capa dura - Rígida e adequada para publicações luxuosas ou que exijam resistência ao manuseio, consiste numa base cartonada ou de papelão sobre a qual é colada uma sobrecapa impressa um pouco maior que o formato aberto do volume. [...] A capa dura é utilizada, em geral, conjugada à encadernação com costura e cola e frequentemente com tela. c. Capa flexível (capa integral) - versão intermediária entre a capa dura e a brochura, sendo mais barata do que a primeira e mais resistente do que a segunda. [...] Em geral, é impressa com papel mais encorpado (em torno de 250 g/m²), podendo receber revestimentos como vernizes e laminações. Adequada para publicações de grande manuseio e /ou que exijam diferenciação e custo bem mais baixo do que a capa dura.” (Oliveira, 2002, p. 111-112)

³⁴ “Primitivamente, era assim chamada a aglutinação de pequenas tabuinhas enceradas prontas para a escrita, presas numa das pontas por um fio que atravessava os orifícios aí existentes. Mais tarde designa o manuscrito em folhas de pergaminho ou papel encadernadas juntas, de modo semelhante ao de nossos livros” (Faria; Pericão, 2008, p. 170).

Podemos observar que o processo mais tradicional, de costura, já não aparece nos didáticos sergipanos da segunda metade do século XX. A partir da década de 1970 o uso do grampo e da cola³⁵ se generaliza e a última publicação utiliza uma tendência atual no mercado de livros escolares para as crianças: o uso de espirais plásticas – material que embora diminua o tempo de vida útil do livro em relação aos outros tipos de encadernação, facilita o manuseio.

Nos livros que utilizam grampo e cola – *História de Sergipe* (1973), *Sergipe e o Brasil* (1973), *Minha Terra, Minha Gente* (1973) e *O novo Sergipe* (1986) – os grampos juntam as folhas para formar o caderno e a cola é usada para juntar o caderno à capa. Nos livros que utilizam somente cola – *Vamos conhecer Sergipe* (198-) e *Para conhecer a história de Sergipe* (1998) – as folhas soltas são unidas entre si e à capa num único processo utilizando a cola. No livro que utiliza somente grampo – *Sergipe nossa história* (2007) – as folhas que formam o caderno e a capa são unidos por um par de grampos, inseridos na dobra do livro. No livro que utiliza espiral plástica – *Sergipe, história e geografia* (2007) – as folhas soltas e a capa são perfuradas e unidas pela espiral.

Uma das causas prováveis para o maior uso da cola e do grampo é o baixo custo do material e a utilização de mão-de-obra não tão especializada, uma vez que a cola poder ser produzida na própria oficina gráfica e o processo de grampeamento é efetuado geralmente por uma máquina de fácil operação.

Do ponto de vista da conservação, a manipulação das fontes para a nossa pesquisa já demonstra diferenças significativas nos processos. Um exemplar de *Meu Sergipe*, de Elias Montalvão, publicado no início do século XX encontra-se em melhor estado de manuseio do que, por exemplo, os exemplares encadernados com cola de *Vamos conhecer Sergipe*, de Déborah Neves, ou *Para conhecer a história de Sergipe*, de Terezinha Oliva e Lenalda Andrade, publicados no final do século XX – mais de 70 anos depois do livro de Montalvão. Ambos apresentam descolamento das folhas – tendo o exemplar do livro de Neves que ser grampeado para evitar maior estrago, já que houve perda de algumas folhas e da própria capa ao longo do tempo.

Como já observamos, a produção da capa se deve muito às definições de formato, tamanho e tipo de encadernação escolhidas para o projeto gráfico do impresso. Muito mais

³⁵ Faria e Pericão esclarecem que “a partir dos anos 40, o problema das colas foi objeto de trabalhos profundos e a química desemboca, dez anos mais tarde, no aparecimento de produtos adesivos e de colas com tempo de fixação conhecido e tempo de secagem determinado. Estes novos tipos de cola permitem a criação da verdadeira encadernação sem costura e, por consequência, a edição de obras em grande quantidade de baixo custo. De anos prá cá utilizam-se colas a que os ingleses chamam hotmelts, ou seja, cola à base de resinas de vinil, que se aplicam a altas temperaturas (cerca de 200 °C) e de fixação instantânea. Servem, sobretudo, para encadernação em cadeia, de alto rendimento” (Faria; Pericão, 2008, p. 174).

que uma embalagem que envolve o livro, a capa é veículo de informação e indicação sobre o seu conteúdo. Nos livros didáticos de história de Sergipe, as capas se prestam, ainda, a representar uma determinada identidade, ligada às delimitações espaciais e culturais nas quais diversos acontecimentos considerados dignos da narrativa histórica local tiveram lugar e se tornaram parte do que hoje conhecemos como história de Sergipe. Vejamos os elementos gráfico-editoriais presentes nas capas dos nossos manuais.

As capas de *História de Sergipe*, *Sergipe no Brasil* e *Minha terra, minha gente* (Figura 3), de autoria de Acrísio Torres, trazem a mesma composição gráfica: um retângulo horizontal na cor vermelha no topo da página; sobre o retângulo o nome do autor, o título da obra, área de estudos, indicação da série a qual se destinam, todos em caixa-alta³⁶, sem serifas³⁷; um fio na cor branca separa o retângulo da fotografia em cores da cidade de Aracaju, ocupando quase toda a área de impressão. O destaque para o título, em cor amarela e tipos em caixa-alta, chama a atenção e antecipa o conteúdo. A fotografia aérea de Aracaju evoca a dupla característica de mostrar o quanto a cidade cresceu e a possibilidade “infinita” do crescimento, representada pela linha do horizonte. Esse traço se evidencia quando o livro é aberto, mostrando capa e contracapa, com a foto completa reforçando a idéia do crescimento, da modernização e do futuro promissor. Outra característica presente nas capas dos três livros de Acrísio Torres é o contraste entre as cores quentes³⁸ no topo da página – o vermelho do retângulo e o amarelo dos títulos – e os tons frios da fotografia, em especial o azul do céu. A capa utiliza recursos simples de composição, usando apenas uma família de tipos³⁹ e uma transição nítida entre imagem e elementos textuais, utilizando as cores para contrastar tais elementos.

A capa de *O novo Sergipe* (Figura 4), de Genialda Matos Oliveira, traz três fios em forma de L invertido e com espessuras e cores diferentes ocupando o lado direito e a parte inferior da página; sobre os fios a indicação da série a qual se destina e um “carimbo” com informações sobre o uso do livro – do lado direito -, na parte inferior um retângulo branco com contorno em preto com as informações da edição e a marca do Banco Central do Brasil; na

³⁶ “Nome tipográfico das maiúsculas. O nome vem da divisão das caixas onde os tipos para a composição manual dos textos eram guardados. Usa-se caixa-alta por oposição a caixa-baixa porque as letras maiúsculas ficavam na divisão de cima (a caixa alta) e as minúsculas na de baixo (a caixa baixa)” (Faria; Pericão, 2008, p. 122).

³⁷ “Elemento decorativo que apresentam as hastes de alguns caracteres de imprensa. Remate da letra” (Faria, Pericão, 2008, p. 664).

³⁸ Vermelho, amarelo e laranja. As cores frias são violeta, azul e verde.

³⁹ “Conjunto de tipos e corpos de um mesmo desenho ou traço, ou seja, do mesmo estilo. Numa obra devem empregar-se sempre tipos da mesma família ou variedades dela. Em tipografia, conjunto de fontes (desenho de letras) com as mesmas características fundamentais, independentemente das suas variações (por exemplo, negrito, itálico, redondo). Há uma enorme variedade de famílias de tipos, frequentemente com origem no nome dos seus criadores (Bodoni, Garamond, Elzevier), ou da sua origem (romano, gótico) ou no veículo para que foram criados (Times)” (Faria; Pericão, 2008, p. 327).

parte superior, o título da obra em caixa-alta na cor azul, tipo com serifa curta, seguido do nome da autora em caixa-alta e caixa-baixa no mesmo tipo do título. No centro da página uma fotografia em cores mostrando uma praia com jangadas. Aqui também o título pretende destacar o conteúdo, remetendo à idéia do novo e, provavelmente, melhor. A fotografia, no entanto, não remete a elementos presentes na experiência sergipana. Embora as praias e os coqueiros façam parte da paisagem de Sergipe, as jangadas mostradas na imagem não o são. A capa utiliza recursos simples de composição, faz uso de famílias de tipos diferentes, mas mantém o contraste evidente entre elementos de imagem e textuais. As cores remetem á bandeira de Sergipe, tendo função basicamente estética na composição.

A capa de *Para conhecer a história de Sergipe* (Figura 5), de Terezinha Oliva e Lenalda Andrade, reproduz um painel do artista plástico sergipano Caã servindo de fundo para a inclusão do título da obra, em caixa-alta sem serifa – o nome “Sergipe” se destaca em corpo⁴⁰ maior, na cor azul com contorno branco – na parte central da página; no canto inferior direito estão os nomes das autoras, em caixa-alta e caixa-baixa, sem serifa. A imagem apresenta diversos elementos: danças folclóricas, vendedora de frutas, pescador, as construções coloniais que reportam às cidades históricas de São Cristóvão e Laranjeiras, um pomar de laranjas e uma formação ao fundo que remete à Serra de Itabaiana.

⁴⁰ “Tamanho dos caracteres de imprensa expresso em pontos referidos a um sistema de medida tipográfica. Altura da superfície do caractere tipográfico no qual se encontra o olho da letra. Mede-se em pontos tipográficos: a letra que tem seis pontos de altura é de corpo 6 e assim por diante” (Faria; Pericão, 2008, p. 205).

Figura 3 – Capa do livro *Minha terra, minha gente* (1973), de Acrísio Torres de Araújo.



Figura 4 – Capa do livro *O novo Sergipe* (1986), de Genialda Matos de Oliveira.

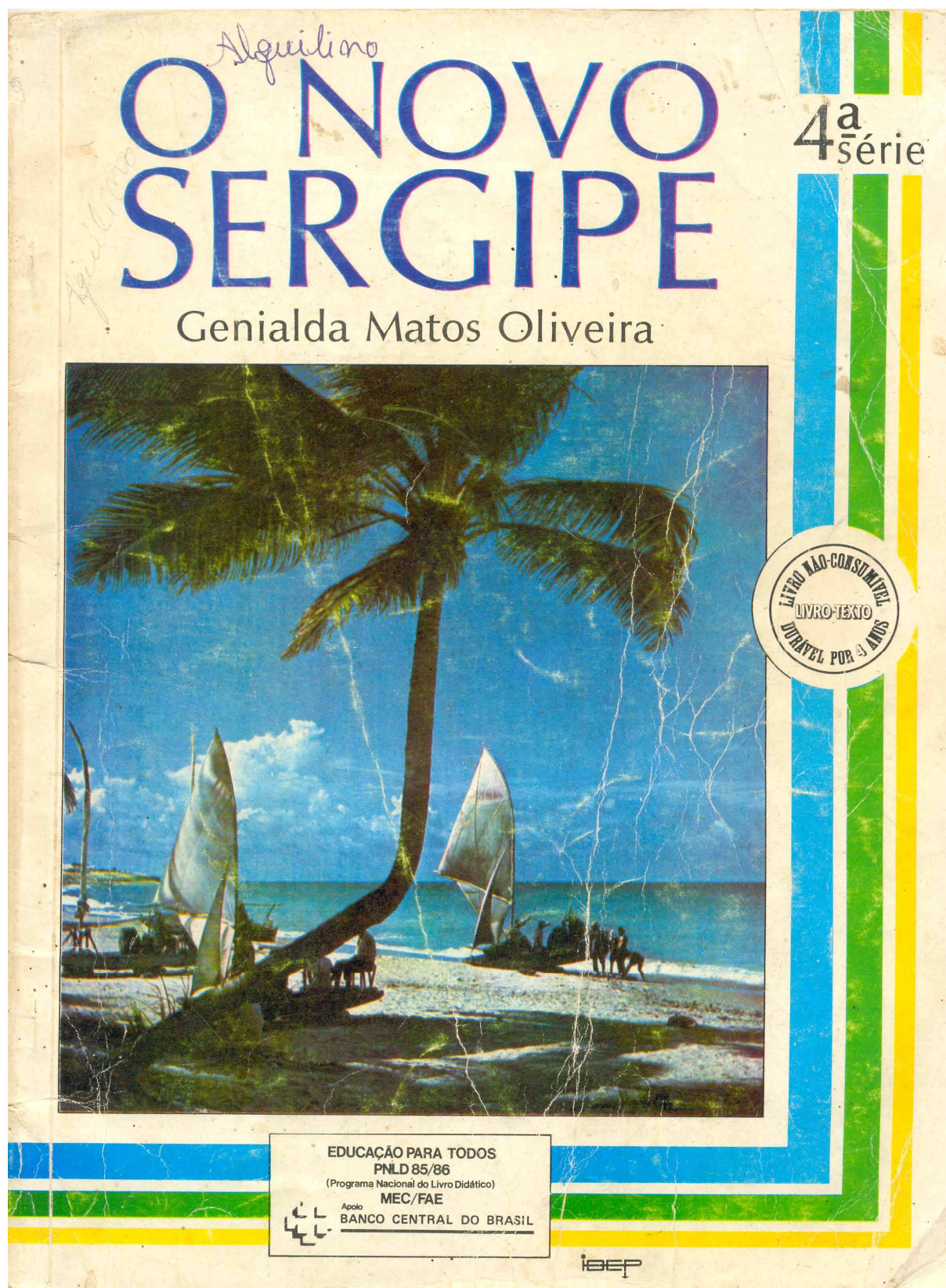
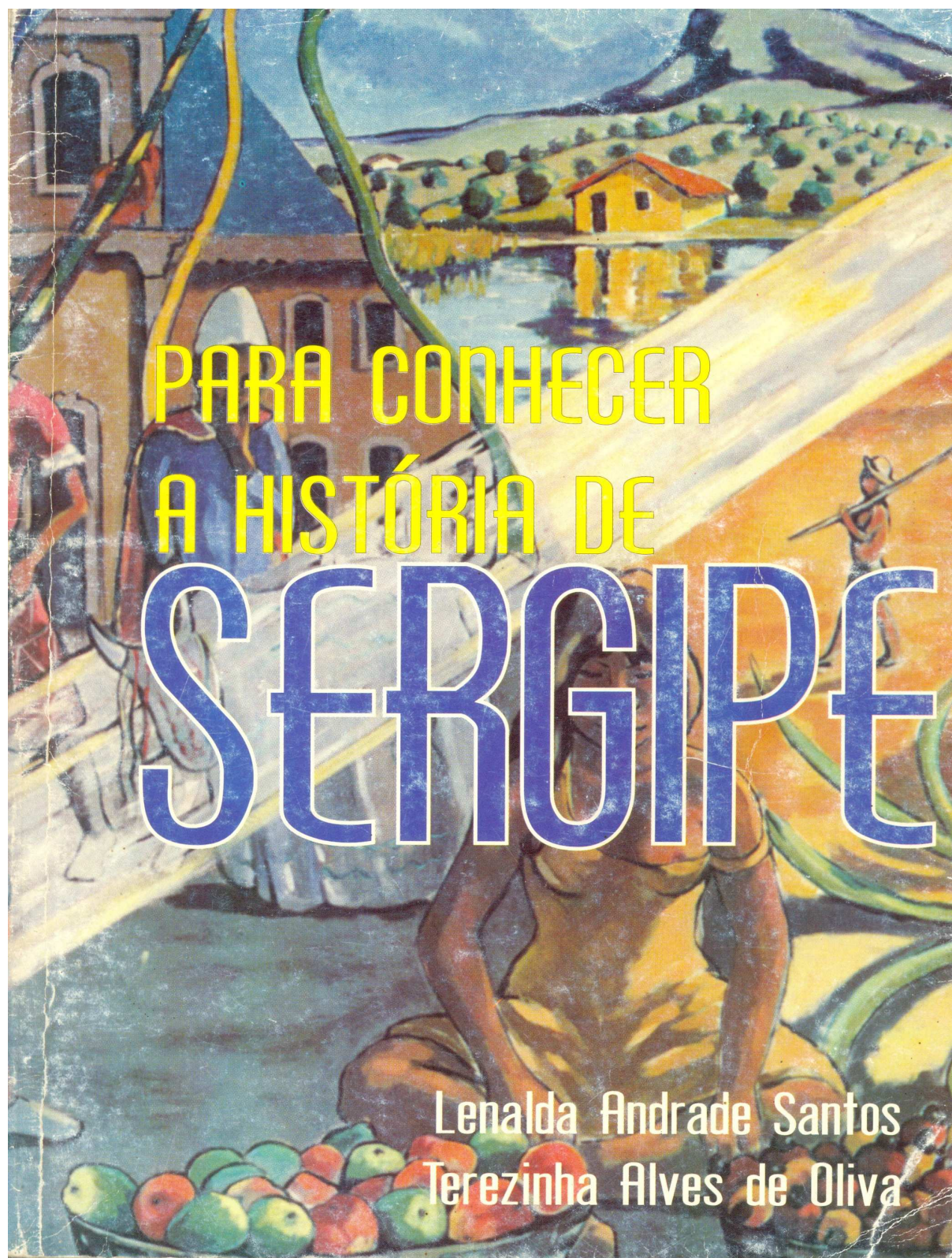


Figura 5 – Capa do livro *Para conhecer a história de Sergipe* (1998), de Lenalda Andrade Santos e Terezinha Alves de Oliva.



A capa de *Sergipe nossa história* (Figura 6), de Antônio Wanderley, Marcos Vinícius e Luiz Fernando alude à bandeira de Sergipe, representada por uma faixa amarela que ocupa pouco mais da metade da capa – onde está disposto o título da obra, na parte superior esquerda, em caixa-alta sem serifa, seguida da palavra “Ensino fundamental” em caixa-alta e caixa-baixa, sem serifa; os nomes dos autores estão na parte inferior esquerda, em caixa-alta e caixa-baixa sem serifa. No lado direito uma faixa azul recebe as cinco estrelas também presentes na bandeira sergipana. Sobre as faixas, no centro da capa, está disposta uma fotografia em cores com vista da cidade histórica de São Cristóvão. Essa capa utiliza um **dégradé**⁴¹, recurso pouco comum nos livros compostos manualmente, uma vez que o efeito necessitava de habilidade técnica de manejo de retículas, mas enormemente facilitado com os recursos disponíveis nos softwares de composição utilizados nos computadores, dos quais o livro fez uso. A utilização da cor amarela na maior parte da área de impressão fornece à capa grande possibilidade de chamar a atenção. Os elementos textuais e imagéticos não se fundem, mantendo uma organização individualizada, sendo ligados apenas pelas referências subjetivas sobre Sergipe (a bandeira, o título e a imagem da cidade de São Cristóvão).

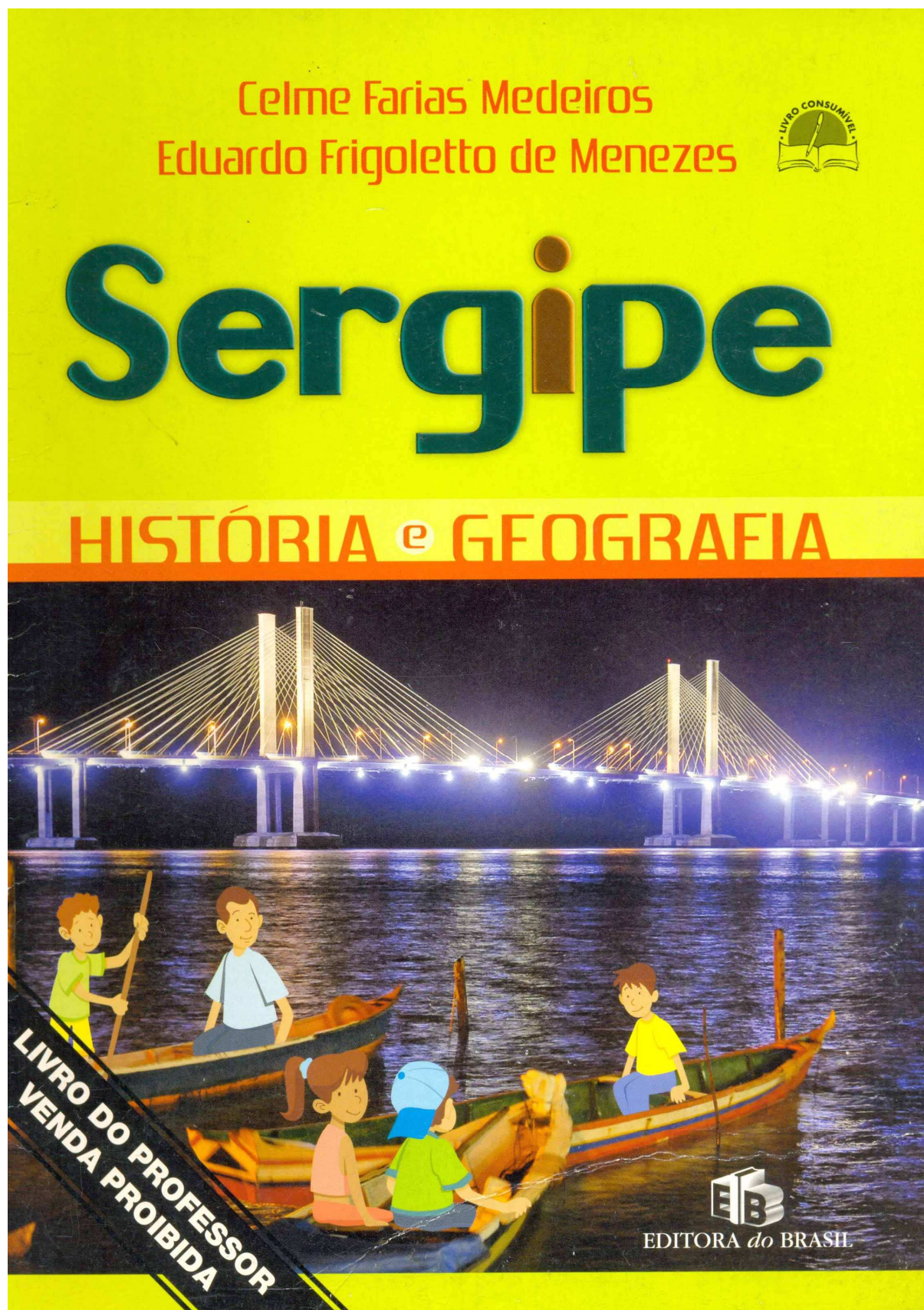
A capa de *Sergipe história e geografia* (Figura 7), de Celme Farias e Eduardo Frigoletto, traz o nome dos autores na parte superior da página, em caixa-alta e caixa-baixa sem serifa – ao lado do nome dos autores a indicação de “livro consumível”; o título da obra aparece logo abaixo: o nome “Sergipe”, em caixa-alta e caixa-baixa sem serifa e os nomes “História e Geografia”, em caixa-alta sem serifa sobre um retângulo horizontal; uma imagem em cores ocupa quase todo o restante da página: uma fotografia da ponte ligando os municípios de Aracaju e Barra dos Coqueiros, com a inserção de desenhos de figuras humanas sobre barcos atracados; no canto inferior direito está inserida a marca da editora. A capa utiliza o contraste de cores para diferenciar os elementos: um fundo verde claro onde são inseridos textos em tons de laranja e verde escuro, e a fotografia noturna. A composição da imagem fundindo fotografia e desenho é um recurso bastante comum nos livros que utilizam a composição digital através de programas de computador e possibilita efeitos diversos.

⁴¹ “Que vai gradativamente perdendo intensidade ou adquirindo novos matizes ou nuances (diz-se de cor ou iluminação)” (Houaiss, 2001).

Figura 6 – Capa do livro *Sergipe nossa história* (2007), de Antônio Wanderley de Melo Corrêa, Marcos Vinícius Melo dos Anjos e Luiz Fernando de Melo Corrêa.



Figura 7 – Capa do livro *Sergipe história e geografia* (2007), de Celme Farias Medeiros e Eduardo Frigoletto de Menezes.



Um traço característico das capas dos livros aqui analisados é a utilização de cores em todas elas – embora alguns livros tragam o conteúdo interno em somente uma cor. A predominância é de capas ilustradas com fotografia, com exceção de *Para conhecer a história de Sergipe*, de Terezinha Oliva e Lenalda Andrade, com a reprodução de uma pintura.

De modo geral, as composições – sejam elas manuais ou realizadas no computador – apresentam recursos necessários e possíveis de deflagrar no aluno, processos que possibilitem o aprendizado. Como porta de entrada dos livros, as capas trazem elementos que evocam funções cognitivas auxiliares na introjeção dos conteúdos: o destaque nos títulos de palavras significativas, tais como “Sergipe”, “meu” e “nossa”, buscam uma referência direta com ao pertencimento do aluno a um espaço específico que será estudado; a utilização de cores quentes – como o amarelo, laranja e vermelho –, responsáveis por despertar nas crianças uma experiência visual mais dinâmica – uma vez que a acomodação do cristalino é diferenciada dos adultos⁴² – e consequentemente responsável por uma maior atenção; ou a utilização de referências visuais, evocando um objeto ausente por meio da lembrança de sua imagem – como as fotografias de Aracaju e São Cristóvão. Nem sempre de intenção explicitada, seja por autores ou editores, podemos presumir a importante função que esses elementos desempenharam, e desempenham, na aprendizagem da história Sergipana.

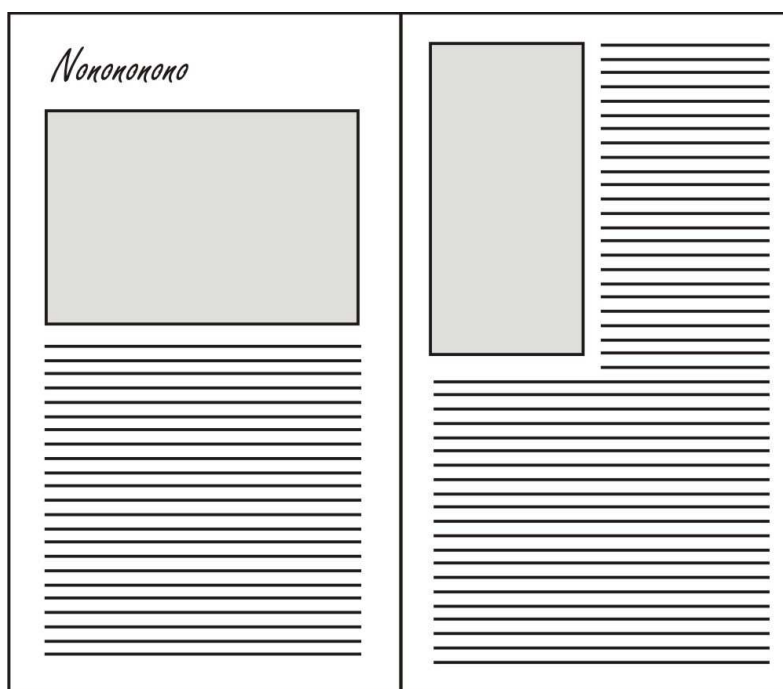
⁴² Cf. Guimarães, 2004, p. 23-24.

2. A DIAGRAMAÇÃO

A diagramação é o processo de síntese dos elementos textuais e visuais selecionados a partir do projeto gráfico do livro. É responsável pela organização desses elementos de forma a harmonizá-los e permitir leituras textuais e visuais coerentes com os objetivos pretendidos.

O processo de diagramação possibilita uma infinidade de combinações possíveis para a disposição de textos e imagens na mancha gráfica⁴³. Nos livros, é efetivada, de forma geral, a partir de uma página dupla aberta, orientada previamente por um **layout**⁴⁴, o qual, posteriormente, será composto e artefinalizado.

Figura 8 – Aparência típica de um layout.



Como resultado da diagramação, deve surgir um produto com características bem definidas relativas ao objetivo planejado na concepção da obra. No caso do livro didático, é necessário que a diagramação supra as necessidades de aprendizagem, fundindo os elementos gráfico-editoriais ao conteúdo, criando um “efeito cumulativo de combinação de elementos

⁴³ Também conhecida como mancha tipográfica é a área impressa das páginas de uma publicação (cf. Guilherme, 1996, p. 76).

⁴⁴ “Esboço de qualquer trabalho de arte, contendo os elementos básicos a serem reproduzidos ou alterados na arte-finalização” (Guilherme, 1996, p. 71).

selecionados, a manipulação das unidades básicas através de técnicas e sua relação formal e compositiva com o significado pretendido” (Dondis, 2003, p. 4).

Os livros didáticos de história de Sergipe possuem características de diagramação bem próprias dos períodos em que foram produzidos, aproximando da conformação de um livro tradicional nas obras mais antigas e apresentando recursos gráfico-editoriais mais bem elaborados e estruturados, denotando o uso dos programas de editoração eletrônica, nos mais recentes. Essas características revelam tanto o período em que os textos impressos tinham como elemento fundamental a palavra – deixando os fatores visuais como secundários -, bem como as recentes mudanças desse paradigma textual em direção a um predomínio do visual sobre o verbal, tornando-se este último secundário (cf. Dondis, 2003, p. 12). Vejamos, então, como estão diagramados.

Os livros *História de Sergipe* e *Minha terra, minha gente*, de Acrísio Torres, publicadas em 1973, apresentam a mesma diagramação. Os números de página estão inseridos na parte superior das páginas, à esquerda nas páginas pares e à direita nas páginas ímpares. Os assuntos são indicados por um número seguido do título do capítulo. Acima dessa indicação são inseridas imagens – em alguns casos centralizadas, em outros na parte superior direita da página. Os textos são dispostos em coluna única. A diagramação é baseada tipicamente em figuras geométricas, dispostas em blocos definidos.

Figura 9 – Página do livro *História de Sergipe* (1973), de Acrísio Torres de Araújo.

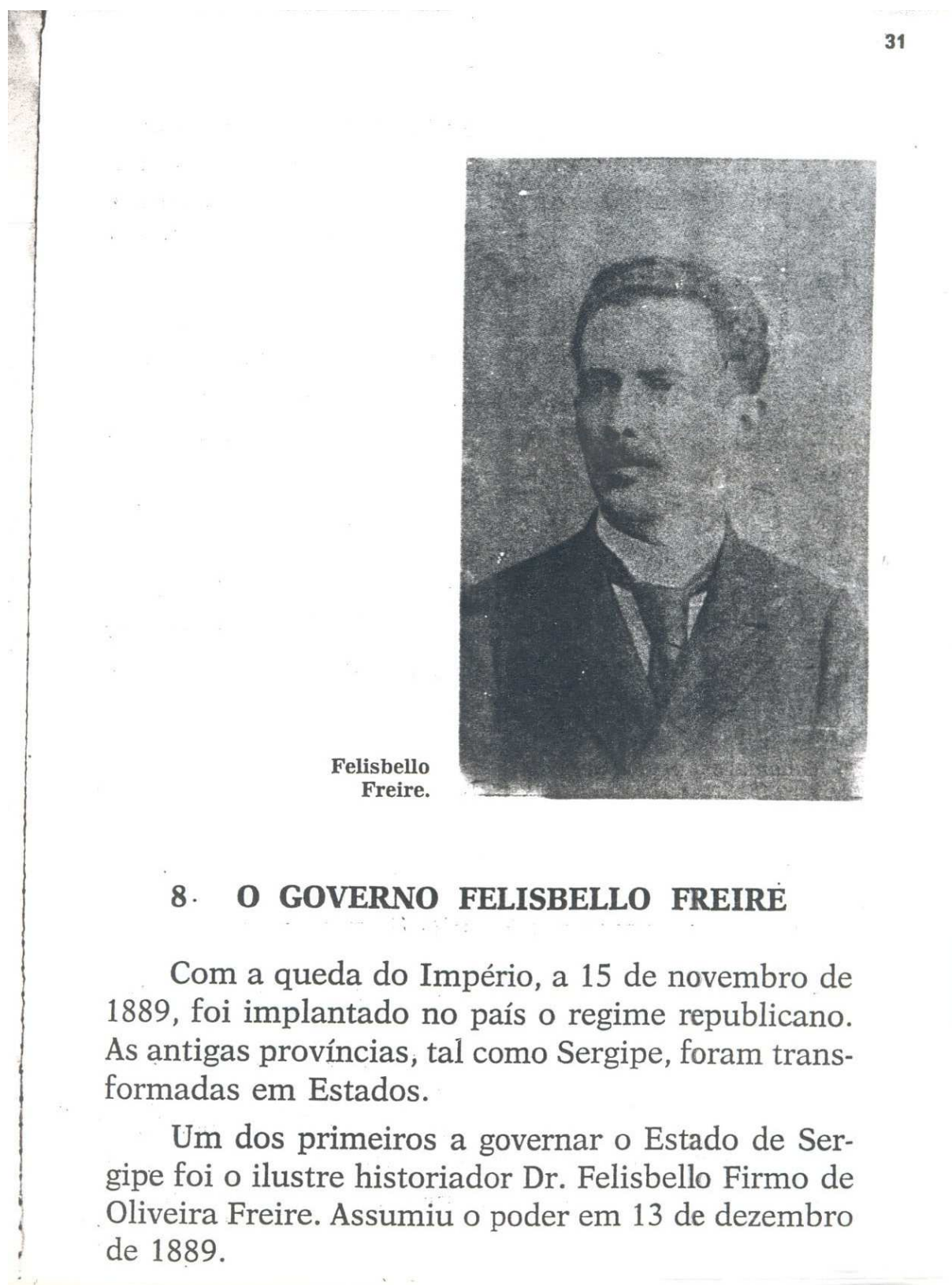


Figura 10 – Folha de rosto do livro Minha terra, minha gente (1973), de Acrísio Torres de Araújo.



Fonte: Araújo, 1973.

No livro *Sergipe e o Brasil* (1973), de Acrísio Torres de Araújo, os números de páginas estão inseridos na parte superior esquerda das páginas pares e na parte superior direita nas páginas ímpares. Os assuntos são indicados acompanhados ou não de ilustração ou foto. Nesse caso, não há um padrão de localização das ilustrações: na maioria das vezes está centralizada na parte superior da página, mas aparece também na parte inferior. Em alguns casos há mais de uma imagem, ou ainda centralizada à direita ou à esquerda. Os textos são dispostos em uma coluna. A diagramação é baseada tipicamente em figuras geométricas, dispostas em blocos definidos.

O livro *Vamos conhecer Sergipe*, de Déborah Neves, tem os números de páginas inseridos vazados em uma caixa, centralizados na parte inferior das páginas. O livro é em formato horizontal, com as duas páginas em uma mesma folha, tendo como elemento para separação do conteúdo um fio vertical. Os textos são dispostos em uma coluna. A diagramação é equilibrada com alternância de páginas com fotos e ilustrações e somente texto, além do uso de quadrinhos, palavras cruzadas, mapas, diagramas e ilustrações de página inteira, valendo-se muito bem do princípio de irregularidade⁴⁵ para dar contraste às páginas.

O livro *O Novo Sergipe* (1986), de Genialda Matos Oliveira, tem 54 páginas, divididas em cinco unidades. Os números de páginas estão inseridos centralizados na parte inferior. A partir da página 21 a fonte usada na numeração recebe a formatação itálica e um tamanho maior. As unidades são indicadas centralizadas no topo da página. Logo abaixo se insere o título da unidade. Esses elementos estão separados do texto principal por um fio que ocupa toda a largura da página. Não há padrão na localização da abertura da unidade, ocorrendo ora na página direita, ora na página esquerda, com ou sem a presença de foto ou ilustração. O mais grave nisso tudo é que a Unidade II não consta no livro, apesar de indicada no índice da obra. O manual se diferencia na diagramação ao menos em dois momentos: na página 41 há uma justaposição de três imagens levemente giradas (duas para a esquerda e uma para a direita) e três quadros com texto formando um agradável conjunto visual; nas páginas 42 e 43, o texto é circundado por uma ilustração que ocupa as margens direita e esquerda, além do topo das páginas.

O livro *Para conhecer a história de Sergipe* (1998), de Lenalda Andrade Santos e Terezinha Alves de Oliva, tem 142 páginas, dividido em nove unidades. Os números de páginas

⁴⁵ O princípio de irregularidade faz parte de um conjunto de técnicas possíveis de ser explorada pelo diagramador. Dondis elenca as técnicas visuais mais utilizadas e de mais fácil identificação, divididas em dois grupos, listados a seguir com seu correspondente antagônico, os quais geram sensações de Contraste ou Harmonia na página: instabilidade / equilíbrio, assimetria / simetria, irregularidade / regularidade, complexidade / simplicidade, fragmentação / unidade, profusão / economia, exagero / minimização, espontaneidade / previsibilidade, atividade / estase, ousadia / sutileza, ênfase / neutralidade, transparência / opacidade, variação / estabilidade, distorção / exatidão, profundidade / planura, justaposição / singularidade, acaso / sequencialidade, agudeza / difusão, episodicidade / repetição (cf. Dondis, 2003, p. 24).

estão inseridos centralizados na parte inferior das páginas. As unidades são indicadas por um número, seguido do título e acompanhado de subtítulos – exceto a unidade 1, sem subtítulos. Esses elementos estão dispostos sobre uma foto ao fundo que ocupa toda a página – exceto a unidade 1, em que o título é cercado por um mosaico de oito fotos sobre fundo amarelo.

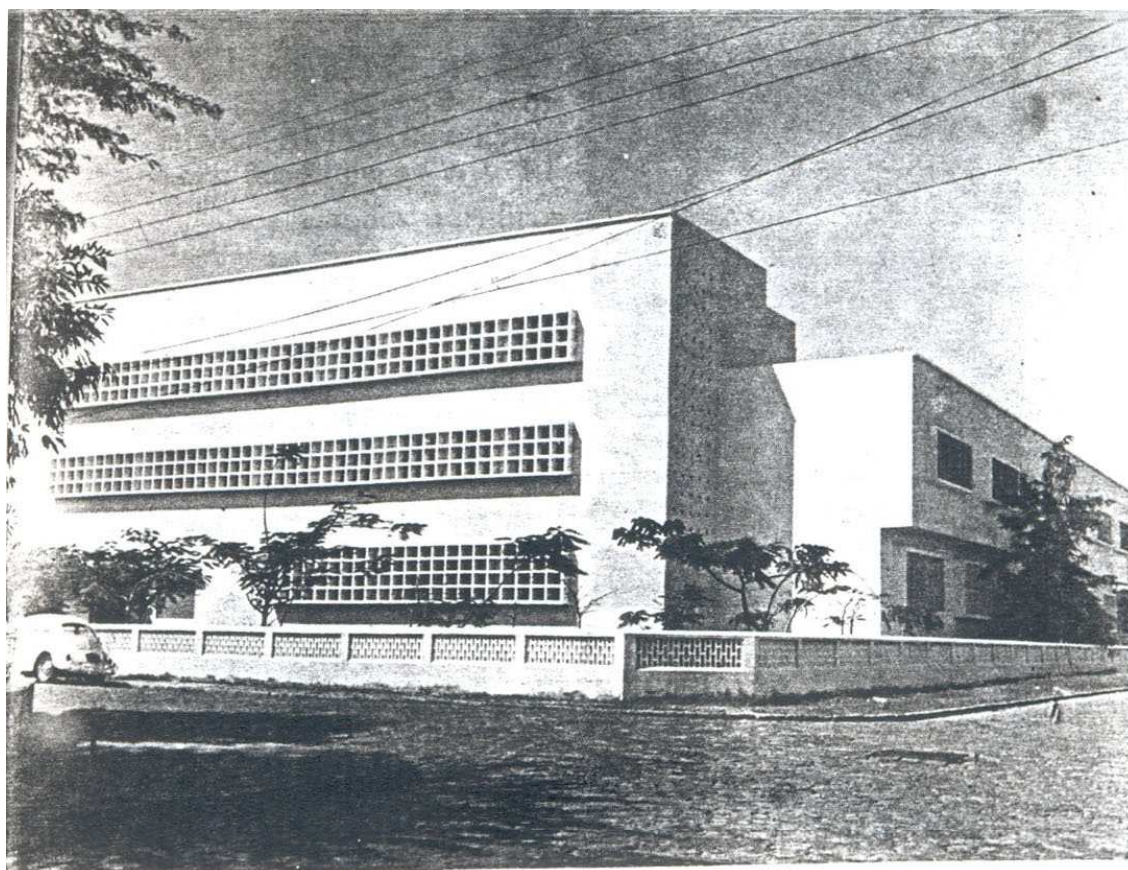
Os capítulos estão indicados centralizado, em vermelho, variando entre três e cinco linhas, posicionados na parte superior esquerda das páginas. À direita estão dispostos boxes na cor azul (esse box se confunde com os boxes informativos, também em cor azul, distribuídos ao longo do texto e que variam na tipografia entre letras serifadas ou não, com a aplicação de itálico e diferentes tipos) e tamanhos variados com parte do texto principal. A exceção está no capítulo 1 da unidade 8, onde o box ocupa todo o lado direito da página. Abaixo desses elementos, na parte inferior da página, podemos encontrar fotos ou mapas. Os textos estão dispostos em colunas, à esquerda ou à direita da página, acompanhadas de um retângulo com função de descanso visual na cor salmão. Em alguns desses elementos há a inserção de fotos e/ou legendas. O texto e ilustrações são cercados por um retângulo na cor salmão em todas as páginas.

Sergipe nossa história (2007), de Antônio Wanderley de Melo Corrêa, Marcos Vinicius Melo dos Anjos e Luiz Fernando de Melo Corrêa, tem 93 páginas, dividido em quatro unidades. Os números de páginas estão inseridos em fonte sem serifa, centralizado na parte inferior da página. As unidades são indicadas sempre em uma página ímpar, centralizada na parte superior. Logo abaixo está inserida uma foto ou ilustração em tamanhos variados. Na parte inferior, consta o título da unidade. Esses elementos estão envolvidos por um retângulo sem cor com cantos arredondados.

Os capítulos e seus títulos (em tamanho maior) estão indicados dentro de uma caixa retangular cinza e cantos arredondados, dividida em duas partes por um fio, na parte superior da página. Os textos são dispostos em duas colunas. Nas páginas que não são abertura de capítulo estão indicados o número do capítulo seguido do seu título – para as páginas pares –, e o título da obra - para as páginas ímpares, todos separados do texto por um fio.

Um título denominado “Sugestões de atividades práticas” está colocado ao final de cada capítulo, dentro de uma tarja em dégradé da esquerda para a direita, em letras vazadas, com uma pequena sombra deslocada para a direita. Acima desse elemento, há sempre outro box retangular, sem cor e cantos arredondados, com sugestões de consulta ao dicionário. Algumas páginas trazem boxes informativos, de tamanhos diferentes, na cor cinza e com cantos arredondados, texto em duas colunas, alguns com fotografias, com título centralizado.

Figura 11 – Página do livro *Sergipe e o Brasil* (1973), de Acrísio Torres de Araújo.



Instituto de Filosofia

EXERCÍCIOS

1 — Indique:

- a) O nome do presidente deposto pela revolução de 31 de março.
- b) O nome do coordenador da revolução de 31 de março.

2 — Escreva o nome:

- a) Do militar que sucedeu ao presidente Castelo Branco.
- b) Do governador de Sergipe que sucedeu a Celso de Carvalho.

3 — Complete no seu caderno:

- a) Castelo Branco, pelo (...) Institucional n.º 4, decretou a elaboração da (...) do Brasil.
- b) O governador (...) Baptista, em Sergipe, adotou uma política de (...) e desenvolvimento.

Figura 12 – Página do livro Vamos conhecer Sergipe, de Déborah Neves.



Fonte: Neves, 198[?], p. 73.

Figura 13 – Página do livro *Para conhecer a história de Sergipe* (1998), de Lenalda Andrade dos Santos e Terezinha Alves de Oliva.

TEXTO COMPLEMENTAR: para ler, refletir e discutir

PATRIMÔNIO CULTURAL E HISTÓRIA

Quando vivemos num lugar somos reconhecidos por alguma coisa que fazemos, pelo que fazem nossos pais ou as pessoas com quem vivemos, ou por coisas que nos vão acontecendo. Fazendo amigos, indo à escola, trabalhando, ajudando aos outros, brincando, marcamos a nossa vida e as vidas das pessoas que nos cercam.

Tudo o que fazemos, o que criamos ou inventamos, é a partir do que vemos, do que sentimos e do que aprendemos. É tanta coisa! Há jeitos diferentes de viver, de tratar o meio ambiente e os animais, de cuidar dos doentes, de fazer festas e comidas, mas tudo isto fala do que somos. Também as brincadeiras, as músicas que cantamos, as danças, os jogos, as poesias, as histórias. Chamamos a este conjunto de coisas de Patrimônio Cultural. Ele é constituído pelo que já encontramos desde que nascemos, mas também pelo que vamos construindo e acrescentando com a nossa vida e a nossa ação. É como uma “herança” que todos recebemos ao nascer e que faz o conjunto dos bens que pertencem a um povo ou a um país: o meio ambiente, tudo o que se escreve nos livros, o que se produz nas artes, tudo o que se aprende e se faz para sobreviver (como o saber subir em árvores, saber pescar, plantar e colher, saber cuidar dos animais, saber nadar...); e tudo o mais que é necessário para viver bem (como cozinhar, costurar, construir, fabricar, instalar; assim como os objetos que se fabrica, as construções, as cidades). Esta



Dança de São Gonçalo
Agenda Cultural de Sergipe, 1994

Figura 14 – Página do livro *Sergipe nossa história* (2007), de Antônio Wanderley de Melo Corrêa, Marcos Vinicius Melo dos Anjos e Luiz Fernando de Melo Corrêa.

CAPÍTULO 14 - SERGIPE NO INÍCIO DA REPÚBLICA

de Canudos.

O momento máximo foi a chegada do general Cláudio Savaget, o comandante em chefe da Segunda Coluna, junto com seus oficiais, fato ocorrido no início de maio de 1897. Grande massa popular se espremeu na rua da Aurora (atual Av. Rio Branco e Ivo do Prado) e na Praça do Palácio (atual pç. Fausto Cardoso) para assistir a chegada do chefe máximo da Segunda Coluna. O navio trazendo o General, ao entrar no rio Sergipe, foi escoltado festivamente por outros barcos embandeirados a tocarem seus apitos.

Já em terra, Savaget recebeu a continência de todos os soldados e o toque de excelência de todas as bandas de música dos batalhões. Foi recepcionado pelo presidente do Estado (governador) Martinho Garcez, todo o seu secretariado, deputados e

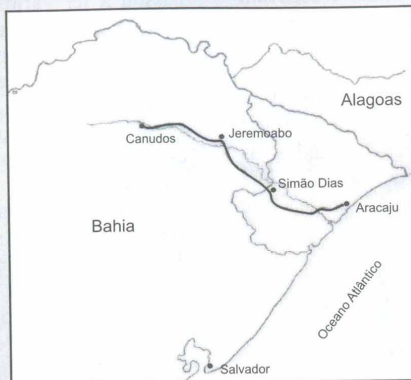
autoridades militares locais. No palácio ouviu discursos inflamados e lá mesmo ficou hospedado,

enquanto seus oficiais foram acolhidos nos palacetes e sobrados das famílias tradicionais e dos chefes políticos locais.

No amanhecer de 22 de maio, sob os olhos de todo o povo de Aracaju, a Segunda Coluna partiu para a guerra, acampou em São Cristóvão, Itaporanga e Simão Dias e daí ganhou o sertão baiano em direção a Canudos.

Pelas estradas empoeiradas ou lamacentas de Sergipe e da Bahia, a Coluna Savaget

possuía o comprimento de mais de 6 Km. Não era para menos: 2.546 homens distribuídos em dez batalhões de infantaria e artilharia, 216 carretas rebocando canhões e munição, 230 carroções de alimentos, carroças-ambulâncias, 30 burros e 60 cabeças de gado.



Marcha da Coluna Savaget de Aracaju até Canudos

Siqueira de Menezes na Guerra de Canudos

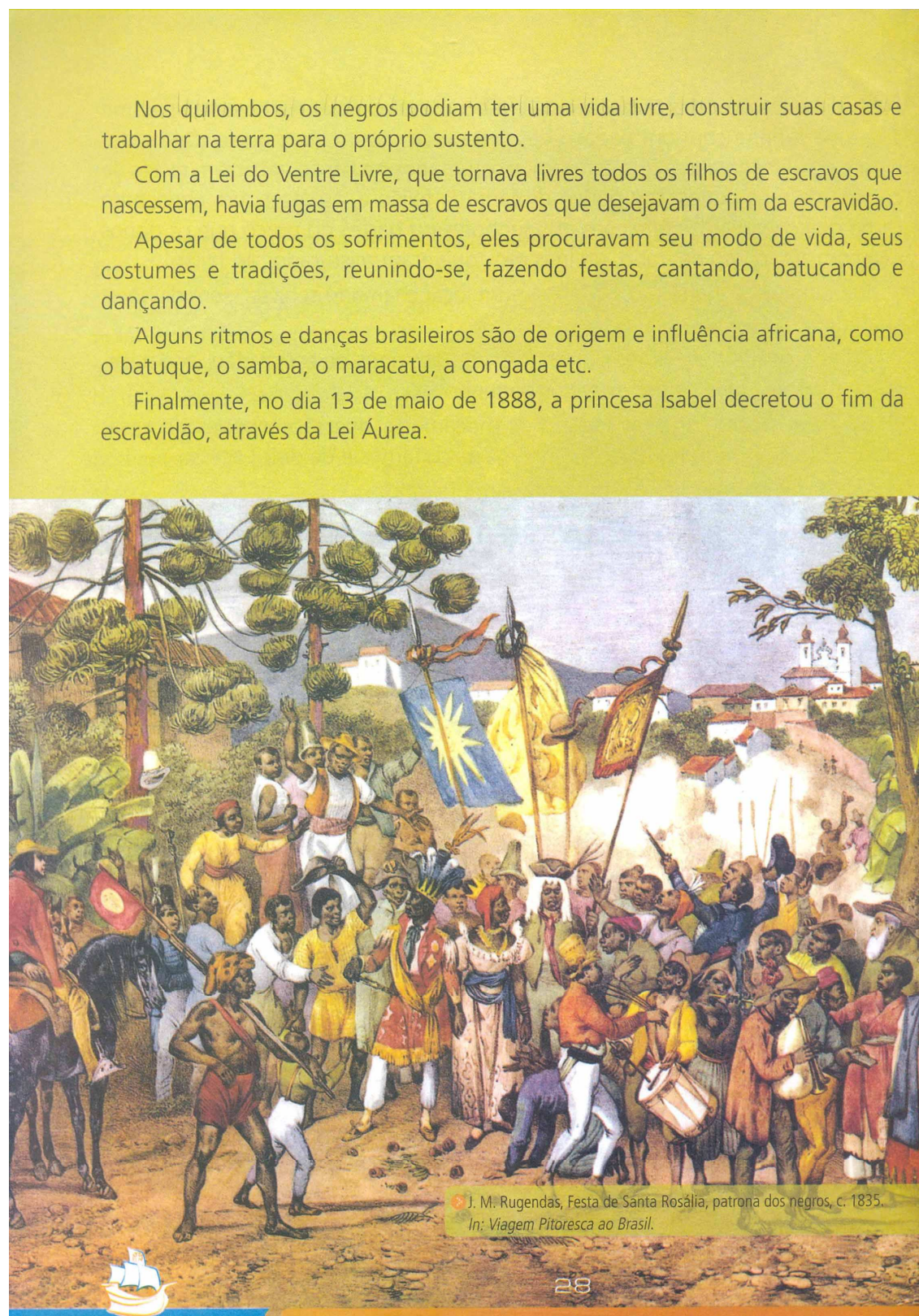
O oficial de maior destaque da guerra foi o tenente-coronel Siqueira de Menezes, comandante da lendária Comissão de Engenharia, sempre de bússola na mão, carabina no ombro e o podômetro (aparelho que mede o caminho percorrido) preso à bota. Sob seu comando a Comissão construiu linhas telegráficas para facilitar a comunicação das tropas, fez reconhecimento científico (relevo, clima, geologia e vegetação) da região de Canudos, produziu um mapa detalhado do palco da guerra, abriu a estrada Monte Santo - Canudos de 90 Km de extensão, alargou caminhos, corrigiu trajetos, nivelou terrenos, fez pontes e cavou trincheiras no terreno pedregoso.

Quando os serviços de engenharia foram concluídos,



Comissão de Engenharia comandada por Siqueira de Menezes

Figura 15 – Página do livro *Sergipe história e geografia* (2007), de Celme Farias Medeiros e Eduardo Frigoletto de Menezes.



O livro *Sergipe história e geografia* (2007), de Celme Farias Medeiros e Eduardo Frigoletto de Menezes, tem 136 páginas, dividido em duas partes. A numeração de página está colocada na parte inferior da página, centralizada. As unidades são indicadas por um número, seguido do título e acompanhado de uma imagem que ocupa quase toda a página. Os capítulos são indicados por um número, seguido do título dentro de uma faixa na cor azul com uma imagem em marca d'água. Na maior parte das vezes as atividades são indicadas em página separada do texto principal. Os textos estão dispostos em uma coluna e em muitos casos seguem o contorno das imagens – dispostas tanto acima, quanto abaixo ou nas laterais dos textos. Ainda são utilizadas como fundo em alguns momentos, utilizando o efeito de transparência de parte da imagem onde o texto é inserido. Ao longo da obra estão inseridos boxes intitulados “Fique sabendo”, em fundo azul claro cercado por um fio azul e cantos arredondados. Em alguns capítulos existem ainda boxes no formato de papel antigo, com textos complementares em uma ou duas colunas. Diversas páginas receberam cor no fundo, bem como efeitos de envelhecimento do papel.

Verificamos que a inventividade dos diagramadores moldou-se às possibilidades técnicas do período e apresentou o produto final possível de ser feito a partir da estrutura gráfica onde os livros foram impressos.

3. A TIPOGRAFIA, AS CORES E AS IMAGENS

Os conjuntos de caracteres e símbolos utilizados na composição dos textos que possuem o mesmo desenho são o que conhecemos normalmente por fontes. Tecnicamente, a esse desenho das letras ou caracteres se dá o nome de tipo – na verdade, “um bloco equivalente a uma letra isolada, em cujo relevo, numa das faces, se grava a superfície destinada à impressão” (ARAÚJO, 2008, p. 288).

Ao conjunto de caracteres que reúne o mesmo desenho (de maiúsculas, minúsculas, pontuação, acentos e numerais) em todos os tamanhos (corpo) e gêneros (romano, itálico, estreito, negrito etc.), damos o nome de família. Essas famílias de fontes têm geralmente as mesmas características em seus tipos, relacionadas a quatro itens básicos: o olho, ou desenho da letra – a superfície que realmente vai tocar o papel na impressão; a haste, ou os traços retos, oblíquos e curvos que prolongam a letra ou servem de linhas de conexão – nas maiúsculas as hastes são ascendentes e nas minúsculas ascendentes ou descendentes (de acordo com a letra); a serifa, ou pequeno filete nos terminais de algumas letras – era o padrão até o século XIX, quando surgiram os tipo não serifados, principalmente voltados à publicidade; o corpo, ou a distância entre o topo e a base do caractere e que determina o seu tamanho.

Até finais do século XIX – e início do século XX – as composições tipográficas eram realizadas de modo exclusivamente manual, o que levava o compositor à limitação dos caracteres disponíveis (geralmente muito onerosos para serem fabricados) e a utilizar de criatividade para proporcionar a leitura de um texto o mais adequada possível. O itálico, por exemplo, só aparece nas composições mais recentes – com exceção de *História de Sergipe* (1973), talvez pela ausência nas oficinas antigas, da família completa dos tipos, que não incluía esses caracteres inclinados.

Os processos manuais foram substituídos ao longo do século XX pela composição com linotipo e monotipo (a quente, ainda utilizando caracteres em relevo) e datilografia e fotocomposição (a frio, com caracteres planos), utilizados até meados dos anos 1980. Esses processos aumentaram a velocidade da composição e a possibilidade de uma quantidade de tipos maior disponíveis ao compositor.

A partir dos anos 1990, com a popularização da informática nos processos gráficos, a composição passou a ser realizada em programas de computador. Com o uso dos computadores, a quantidade de famílias de tipos tornou-se praticamente infinita e as tarefas de ajustes de texto, antes feitas manualmente pelo compositor, são realizadas de forma automática por estes programas.

A atenção à escolha dos tipos é crucial para a composição dos textos, que resultará numa perfeita legibilidade e leiturabilidade da página. De acordo com Araújo (2008), a escolha de um conjunto de tipos para compor um texto trata-se,

em primeiro lugar, de uma pura e simples questão de legibilidade do texto composto com esta ou aquela família, em que se devem julgar os brancos internos e externos da letra em conexão com o formato e a espessura do olho, das hastes e – se for o caso – das serifas do tipo. Além disso, tem-se de levar em conta a relação do formato da página e dos seus brancos marginais, interlineares e interliterais com o corpo do texto (Araújo, 2008, p. 318).

A legibilidade de uma letra está diretamente ligada à sua capacidade de se diferenciar das outras letras, ou seja, a identificação imediata de um “b” ou um “c” como sendo esses caracteres no correr de um texto indica o seu alto grau de legibilidade. Por outro lado, ser legível não indica ser de fácil leitura. Alguns grupos de caracteres são altamente legíveis – distinguíveis entre si – mas não apresentam facilidade de leitura quando agrupados em uma palavra ou frase no texto. É, portanto, necessário que um texto, além de sua legibilidade, alcance alto grau de leiturabilidade, para que os objetivos da mensagem sejam alcançados. Obviamente, nem sempre resultados satisfatórios são alcançados, devido a inúmeros fatores.

No processo de aprendizagem dos conceitos históricos, por exemplo, a legibilidade e a leiturabilidade dos textos são imprescindíveis. O texto deve poder comunicar a mensagem de forma clara e precisa, uma vez que palavra escrita auxilia os alunos a alcançar níveis mais elevados no desenvolvimento. Deve proporcionar-lhes a possibilidade de compreensão verbal para que possam atingir um nível de percepção capaz de estruturar seu raciocínio na compreensão da narrativa. De acordo com Vigotski,

A relação entre o pensamento e a palavra não é uma coisa mas um processo, um movimento contínuo de vaivém do pensamento para a palavra, e vice-versa. Nesse processo, a relação entre o pensamento e a palavra passa por transformações que, em si mesmas, podem ser consideradas um desenvolvimento no sentido funcional. O pensamento não é simplesmente expresso em palavras: é por meio delas que ele passa a existir (Vigotski, 1996, p. 108).

A introdução do computador nas artes gráficas proporcionou uma maior eficiência no processo de composição de tipos, embora este fato, necessariamente, não elimine todos os problemas. Superada a deficiência técnica, ainda é necessário ao **designer** sensibilidade na

escolha do tipo ideal – ou mais legível e leiturável. Isso implica a escolha da família (ou famílias) de tipo, do corpo adequado à idade das crianças, do formato e tamanho do impresso, da importância do texto em relação às imagens, dentre outros fatores.

Coutinho e Silva (2007) apresentam os resultados de uma pesquisa efetuada por Burt em 1959, na qual são estabelecidos os parâmetros tipográficos para utilização em livros infantis, levando em consideração a idade das crianças.

Tabela 7 – Parâmetros recomendados para utilização na tipografia em livros infantis.

Idade (anos)	Corpo (pontos)	Letras por linha (linha 10,16cm)	Coluna (cm)	Entrelinha (cm)
Menor que 7	24	32	12,7	0,66
7-8	18	38	10,16	0,432
8-9	16	45	8,89	0,406
9-10	14	52	9,52	0,33
10-12	12	58	10,16	0,305
Maior que 12	11	60	11,43	0,254

Fonte: Burt (1959) apud Coutinho; Silva, 2007.

Podemos observar que a proporção do corpo do tipo é inversamente proporcional à idade da criança, ou seja, quanto mais novo o aluno, maior deve ser o corpo de texto utilizado. Nos livros didáticos de história de Sergipe, os manuais destinados à 4ª série, deveriam ter, supostamente, um corpo de texto menor que os destinados à 1ª série, sendo desejável, também, que a quantidade de letras por linha fosse aumentada com o passar das séries. Com relação ao corpo do texto, a regra proposta por Burt é seguida, tendo certa diferenciação no que diz respeito ao número de caracteres por linha, conforme vemos na Tabela 10.

Via de regra, a tipografia adotada nos didáticos sergipanos favorece a leitura dos alunos e permite que o aluno principie, do ponto de vista dos textos, a dois processos cognitivos básicos na aprendizagem: reconhecer (imediatamente os caracteres e distingui-los do fundo onde estão impressos) e interpretar (adquirindo o significado do texto que lê). Tais processos cognitivos são extremamente auxiliados no livro didático, também pelo uso das cores, presentes nos mais diversos elementos gráficos.

Tabela 8 – Tamanho do corpo de texto e letras por linha nos livros didáticos de história de Sergipe.

Livro	Série	Corpo (pontos)	Tamanho da coluna (cm)	Letras por linha
História de Sergipe	3 ^a	18	12,5	51
Sergipe e o Brasil	4 ^a	12	9,6	54
Minha Terra, Minha Gente	1 ^a	18	12,5	39
Vamos conhecer Sergipe	-	14	11,7	55
O novo Sergipe	4 ^a	14	12,5	57
Para conhecer a história de Sergipe	-	12	8,5	44
Sergipe nossa história	3 ^a e 4 ^a	12	8,5	48
Sergipe história e geografia	-	14	16,8	78

Fonte: Livros didáticos de história de Sergipe.

Aquilo que percebemos como cor nos objetos para os quais olhamos é, na verdade, “uma informação visual, causada por um estímulo físico, percebida pelos olhos e decodificada pelo cérebro” (Guimarães, 2004, p. 12). Dessa forma, o que o nosso olho percebe são ondas luminosas – em frequências variadas - que resultam na cor que enxergamos.

Nos processos gráficos, as inúmeras possibilidades de cor são possíveis através da combinação de pigmentos⁴⁶ de diversas cores, utilizando retículas em granulação variada, de acordo com o que se deseja imprimir e o resultado a ser obtido. No caso de imagens coloridas, são produzidos quatro fotolitos⁴⁷ separados – com as cores primárias⁴⁸ Ciano, Magenta e amarelo (Yellow), mais o preto (black), formando o CMYK – e impressos individualmente. A justaposição dessas impressões reticuladas formará as combinações de cores necessárias a formação da imagem. Para impressão de áreas “chapadas” – como boxes, faixas ou fundos – não é necessário o uso do processo CMYK, podendo a cor ser utilizada diretamente, embora haja possibilidade de variação do tom de uma cor utilizando retículas – as quais ainda podem proporcionar o efeito de **dégradé**, onde uma mesma cor assume variedade de tons do mais escuro ao mais claro, ou vice-versa.

⁴⁶ “Substância corante, de origem mineral, vegetal ou animal utilizada no fabrico de tintas” (Faria; Pericão, 2008, p. 576)..

⁴⁷ “Pedra ou chapa de metal fotolitográfica, para impressão ou transporte; no caso da chpa ser de zinco, designa-se fotozinco; peistape” (Faria; Pericão, 2008, p. 349).

⁴⁸ São as cores que não podem ser formadas pela soma de outras cores, ou seja, nenhuma mistura de pigmentos resulta no ciano, no magenta ou no amarelo.

Tabela 9 – Cores nos livros didáticos de história de Sergipe.

Livro	Capa			Miolo		
	Cor	Imagem colorida	Retícula/Dégradé	Cor	Imagem colorida	Retícula/Dégradé
História de Sergipe	X	X	X			X
Sergipe e o Brasil	X	X	X			X
Minha Terra, Minha Gente	X	X	X			X
Vamos conhecer Sergipe				X	X	X
O novo Sergipe	X	X	X			X
Para conhecer a história de Sergipe	X	X	X	X	X	X
Sergipe nossa história	X	X	X			X
Sergipe história e geografia	X	X	X	X	X	X

Fonte: Livros didáticos de história de Sergipe.

A cor está presente em todas as capas nas capas dos livros didáticos de história de Sergipe,⁴⁹ porém, as imagens coloridas que necessitam de retícula – como fotografias – só estão presentes nos livros impressos a partir da década de 1970, quando também passa a ser utilizado o recurso de **dégradé** – tanto colorido nas capas quanto na variação de tons de preto nos miolos que não levam cor. É destaque o fato de que apenas três livros utilizam cores na parte interna.

Não obstante o fato dos livros antigos não utilizarem fotografias em cor, estas eram utilizadas em tons de cinza – que necessita de apenas uma impressão. A utilização do processo de impressão tipográfica impunha essa limitação. Com o início do uso da impressão em policromia⁵⁰ – o quadro muda. A não utilização de cores em todo o livro, utilizando os processos de impressão atuais, só se justifica pela falta de recursos econômicos – é o que ocorre, por exemplo, com o livro *Sergipe nossa história*, patrocinado com recursos dos autores, que optaram por colocar cor apenas na capa.

Segundo Luciano Guimarães, os princípios de compreensão da cor respondem a um código específico da comunicação humana, ligados a variantes culturais mutáveis o que faz com que “a apreensão, a transmissão e o armazenamento da informação “cor” (como texto cultural) são regidos por códigos culturais que interferem e sofrem interferência dos outros tipos da comunicação humana (os de linguagem e os biofísicos)” (Guimarães. 2004, p. 4).

⁴⁹ Embora o exemplar do livro *Vamos conhecer Sergipe* não esteja com sua capa, podemos afirmar que seja colorida, uma vez que toda a obra é impressa em cores.

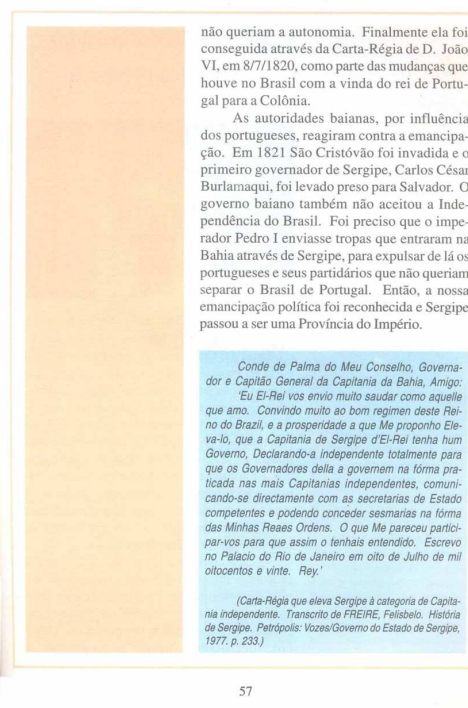
⁵⁰ “Qualquer processo de impressão em várias cores” (Faria; Pericão, 2008, p. 582).

Figura 16 – Exemplos de aplicação de cores nos livros didáticos de história de Sergipe.



Como destaque de títulos, efeitos em imagens e delimitação do rodapé da página.

Fonte: Farias; Menezes, 2007, p. 17.



Como fundo para box de texto secundário e delimitador de área impressa.

Fonte: Santos; Oliva, 1998, p. 57.



Como fundo dégradé, para dar efeito de iluminação, para colorir personagens.

Fonte: Neves, 198[?], p. 45.

Tanto auxiliando na organização e hierarquia dos textos, quanto direcionado a leitura, a cor maximiza as potencialidades da linguagem textual, bem como a integra de forma mais natural aos estados cognitivos de percepção de imagens, uma vez permitem uma maior fidelidade de construção do real, num mundo inicialmente visual – vemos antes de ler ou falar.

Sem dúvida, vivemos em um mundo imagético. Nos diversos meios de comunicação, o visual predomina sobre o verbal e, segundo Dondis, “ver é uma experiência direta, e a utilização de dados visuais para transmitir informações representa a máxima aproximação que podemos obter com relação à verdadeira natureza da realidade” (Dondis, 1997, p. 7). Os livros de História, em particular, aproveitam-se do fascínio que as imagens provocam e trazem uma iconografia que, em certa medida, é responsável pela atração dos alunos.

Tabela 10 – Tipos de imagens utilizadas nos livros didáticos de história de Sergipe.

Livro	DG	GR	TB	MP	FT	IL/DS	P T	GV	R M	Total
História de Sergipe	0	0	0	0	27	0	0	0	0	27
Sergipe no Brasil	0	0	0	1	13	12	0	0	0	26
Minha Terra, Minha Gente	0	0	0	6	18	6	0	0	0	30
Vamos conhecer Sergipe	0	0	0	3	29	43	2	0	0	77
O novo Sergipe	0	0	1	3	11	6	0	0	0	21
Para conhecer a história de Sergipe	0	0	4	5	84	3	6	5	0	107
Sergipe nossa história	0	0	0	12	54	29	0	2	0	97
Sergipe história e geografia	0	0	1	2	83	20	0	14	0	122
Totais	0	0	6	35	329	135	10	21	0	

Legenda: DG – Diagrama, GR – Gráfico, TB – Tabela, MP – Mapa, FT – Fotografia, IL – Ilustração, DS – Desenho, PT – Pintura, GV – Gravura, RM – Recorte/Montagem

* Análise feita nas 61 páginas presentes no exemplar.

Fonte: Livros didáticos de história de Sergipe.

Os mapas, as fotografias e as ilustrações e desenhos são os recursos de imagem mais utilizados nos livros didáticos aqui estudados. A fotografia é maioria em todas as obras, justificada pelo impacto que produziu nas artes gráficas e o poder de imprimir às cenas “congeladas no tempo” a veracidade buscada pelas narrativas históricas. Os desenhos e ilustrações permitem, por seu turno, substituir a cena não fotografada, garantindo ainda a construção de narrativas visuais mais próximas da intenção dos autores.

Com o advento do computador, e das novas técnicas de reprodução de imagens – que utilizam scanners, programas de tratamento e edição de imagens e máquinas fotográficas digitais que dispensam o processo de revelação – a fotografia se impõe como opção ilustrativa; e mesmo os desenhos, antes feitos manualmente pelos ilustradores, saem hoje das pranchetas digitais.

Diante das inúmeras possibilidades técnicas, o desafio para o uso de imagens no processo de aprendizagem é torná-las parte do discurso pedagógico, ou seja, fazer com que as imagens se transformem em textos visuais possíveis de ser lidos e compreendidos pelos alunos.

Nesse sentido, Rodríguez Dieguez propõe uma categorização das funções das imagens para uso nos materiais escolares, que efetivamente contribua para a aprendizagem, uma vez que a utilização de imagens no ensino não pode ser evitada em virtude da importância que a imagem conquistou na comunicação humana. Segundo Diéguez,

La dialéctica entre language verbal y language icónico constituye el núcleo básico del acto sémico-didáctico. Si bien existen amplias parcelas del saber que no necesitan otro apoyo para ser transferidas que el de los códigos verbales, si durante mucho tiempo no se há utilizado otro médio para la comunicación en la enseñanza, hoy día seria imposible pensar en la transmisión de ciertos contenidos sin el auxilio de la imagen (Diéguez, 1977, p. 34).⁵¹

Tabela 11 – Funções didáticas da imagem.

Função	Descrição
Motivadora	Representa uma passagem concreta de uma narração, que por si é autosuficiente.
Vicarial	Representa a possibilidade de ilustrar certos conteúdos originalmente verbais, com suficiente precisão
Catalisadora de experiência	Representa a busca pela organização da realidade que facilite a verbalização sobre um aspecto concreto e delimitado, ou que provoque a análise da informação em imagens com uma sequência e ordenamento.
Informativa	Ocupa o primeiro plano no discurso didático. Nesse caso o texto é apenas uma explicação da mensagem visual.
Explicativa	Representa uma imagem real ou realista somadas a códigos direcionais e explicações incluídas na ilustração
Facilitação redundante	Representa uma mensagem já expressada com clareza suficiente pelo texto.
Estética	Possibilita equilibrar uma página, dar cor a um espaço vazio, sem necessariamente ter ligação com o tema.
Comprovadora	Ilustrações presentes em itens de avaliação ou subordinadas a estes.

Fonte: Diéguez, 1977, p. 41-46.

Muito embora sem declaração explícita de autores ou editores sobre a função que as imagens exercem nos livros didáticos de história de Sergipe, foi possível identificar imagens

⁵¹ “A dialética entre linguagem verbal e linguagem icônica constitui o núcleo básico do ato sêmico-didático. Se existem amplas parcelas do saber que não necessitam de outro apoio para transferência que não os códigos verbais, se durante muito tempo não se utilizou outro meio para a comunicação no ensino, atualmente seria impossível pensar na transmissão de certos conteúdos sem o auxílio da imagem” (tradução livre).

com todas estas funções. Esse fato reforça a afirmação de Diéguez sobre a impossibilidade de certos conteúdos sem a utilização de imagens. Além disso, a imagem possibilita a criação de um ambiente perceptual que atua como um signo⁵², um estímulo artificial responsável por estender as operações de memória além das dimensões biológicas do sistema nervoso humano (cf. Vigotski, 2008, p. 32-33).

⁵² Segundo Vigotski, os signos atuam como transformadores do comportamento relativo à memória. Nas funções elementares, os estímulos são puramente ambientais revelando uma *memória natural* – lembramos das coisas com as quais tivemos contato direto. Para além dessa memória natural, o indivíduo desenvolve, a partir dos estímulos artificiais, ou autogerados, a incorporação desses estímulos e uma modificação no processo de memória – lembramos das coisas por meio de operações indiretas que não estão ligadas diretamente ao contato direto com o objeto (cf. Vigotski, 2008, 31-50).

Vejamos algumas destas imagens e suas funções.

Figura 17 – Página de exemplo da função motivadora.



Fonte: Matos, 1986, p. 46.

Função motivadora: a imagem não reforça o conteúdo do texto, mantendo apenas uma ligação genérica entre o fato de São Cristóvão ser a primeira capital de Sergipe e a colonização do território expressa no texto – e poderia ser substituída por diversas outras imagens sem prejuízo do contexto.

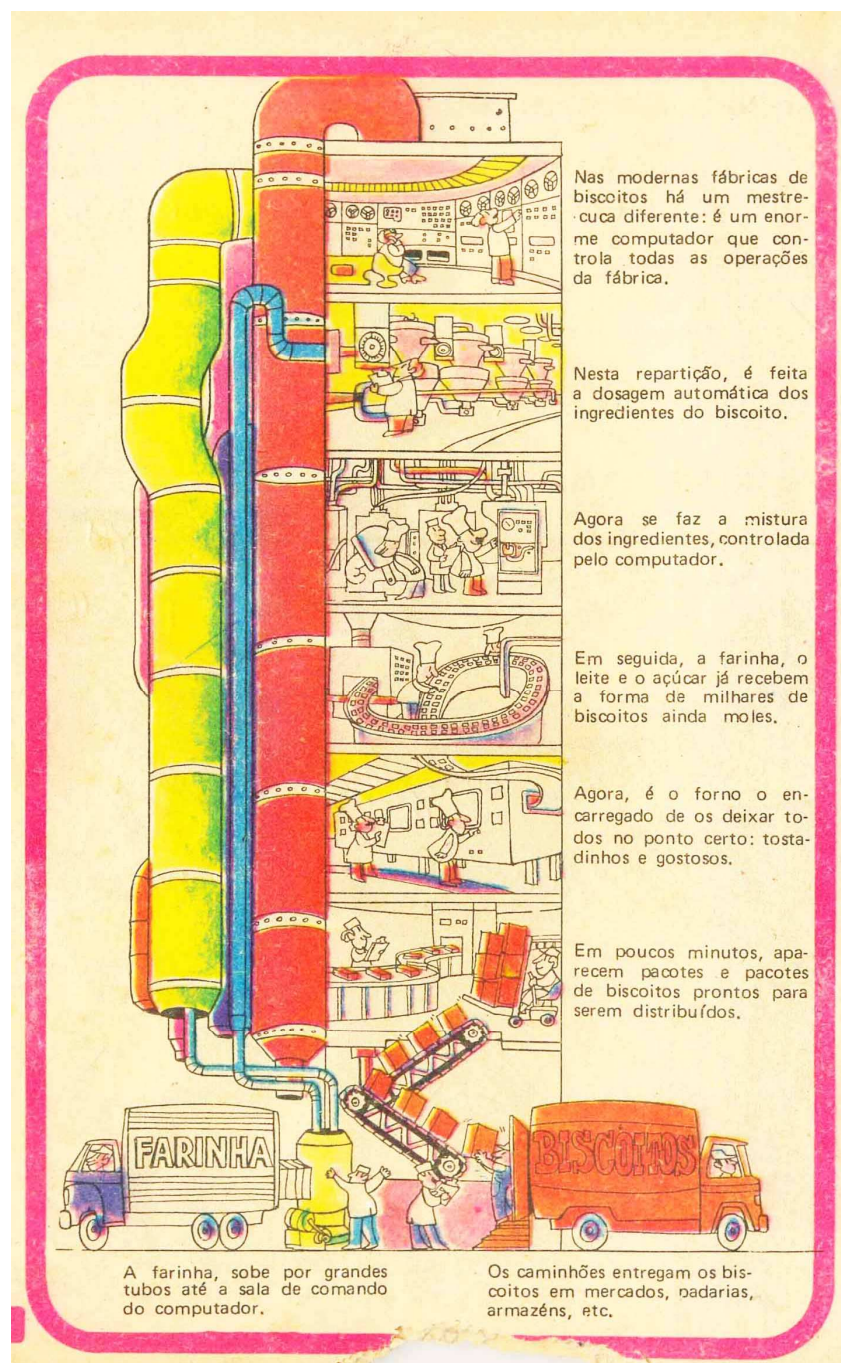
Figura 18 – Página de exemplo da função vicarial.



Fonte: Araújo, 1973, p. 60.

Função vicarial: na impossibilidade de, verbalmente, descrever todos os detalhes do estádio “Baptistão”, uma imagem é apresentada, tornando-o o mais real possível em sala de aula.

Figura 19 – Página de exemplo da função catalisadora de experiência.



Fonte: Neves, 198[?], p. 26.

Função catalisadora de experiência: a fabricação do biscoito é apresentada ordenadamente, desde o início até a entrega, facilitando a compreensão do processo.

Figura 20 – Página de exemplo da função informativa.

Festas juninas e quadrilhas

No mês de junho, Sergipe se transforma no maior arraial do país.

Tanto na capital – Aracaju – como em várias cidades do interior, são até 30 dias de folia, numa disputa do São João mais animado.

Os concursos de quadrilhas são outra atração, que conta com a presença maciça da população.

As ruas da maioria dos bairros são enfeitadas por iniciativa dos próprios moradores.

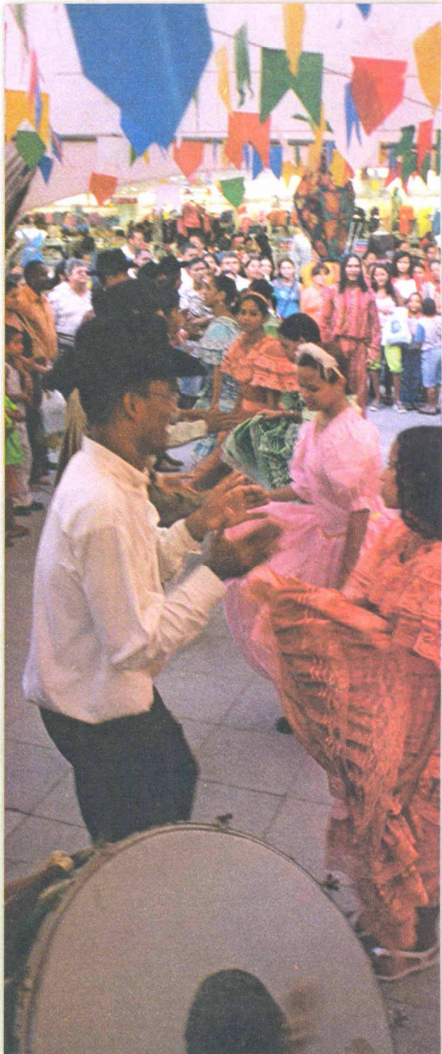
Para garantir o sucesso dos arraiais, não podem faltar as fogueiras e as barraquinhas de comidas típicas feitas à base de milho.

Em alguns municípios é comum a família ficar ao redor de uma fogueira, se esquentando, comendo amendoim e chupando laranja durante a festa junina.

Pisa-pólvora

Um ritual com dança folclórica muito parecida com a batucada, ambas manifestações populares em Estância.

A finalidade maior do Pisa-pólvora é preparar a pólvora para as Batalhas de busca-pés e para os Barcos de fogo, abrindo os festejos juninos da cidade.



Apresentação de quadrilha.

73

Fonte: Medeiros; Menezes, 2007, p. 73.

Função informativa: a imagem fala por si, o texto apenas reforça a informação de uma apresentação de quadrilha junina.

Figura 21 – Página de exemplo da função explicativa.

Sergipe é o segundo produtor de petróleo do Brasil.

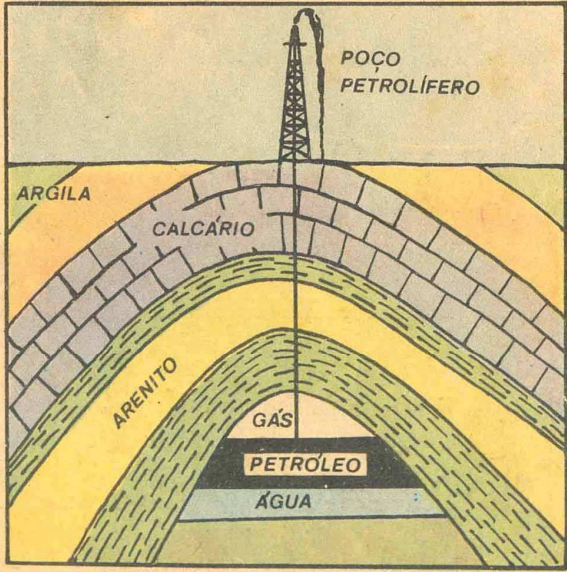
Além do petróleo, temos o sal marinho, o calcário, o mármore, o dolomito, o caulim, o sal-gema, o ferro, o enxofre, sais de potássio, sais de magnésio, sais de sódio, a argila, o gás natural, as águas minerais, etc.

A Petrobrás (Petróleo Brasileiro S. A.) é uma empresa que explora o petróleo brasileiro.

A Petrobrás iniciou a exploração de petróleo em Sergipe, no ano de 1963.

As jazidas que mais produzem petróleo estão localizadas nos campos de Carmópolis, Sirirézinho e Riachuelo.

De acordo com pesquisas feitas no mar, Guaricema, Caioba, Dourados e Camorim também possuem jazidas de petróleo.



Depois de extraído, o petróleo é refinado, sendo seus derivados: a gasolina, o querosene, o gás, o óleo, etc.

24

Fonte: Neves, 198[?], p. 24.

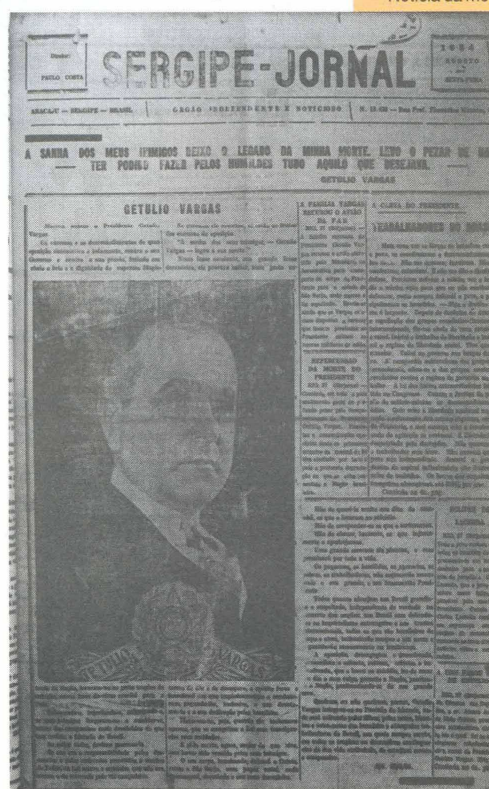
Função explicativa: as informações textuais sobre as camadas de elementos são incluídas na imagem para explicar o processo de extração do petróleo.

Figura 22 – Página de exemplo da função facilitadora redundante.

A política voltada para a industrialização fez com que houvesse um grande debate entre os grupos que queriam um desenvolvimento econômico sem a participação de empresas estrangeiras e os que queriam um “desenvolvimento internacionalizado”, ou seja, aberto às empresas estrangeiras. Os trabalhadores, sentindo-se fortalecidos através dos seus sindicatos, também participaram da luta política, organizando greves e manifestações por melhores condições de vida. Isto aumentava a pressão dos inimigos do Governo que eram

principalmente os políticos da UDN e os militares. Sem encontrar saída diante das pressões, Getúlio Vargas suicidou-se em 1954, deixando o país e muitos brasileiros chocados. Acompanhando a notícia pelo rádio, os sergipanos também choraram a perda do “pai dos pobres” e até atacaram casas, o jornal e a rádio dos udenistas locais.

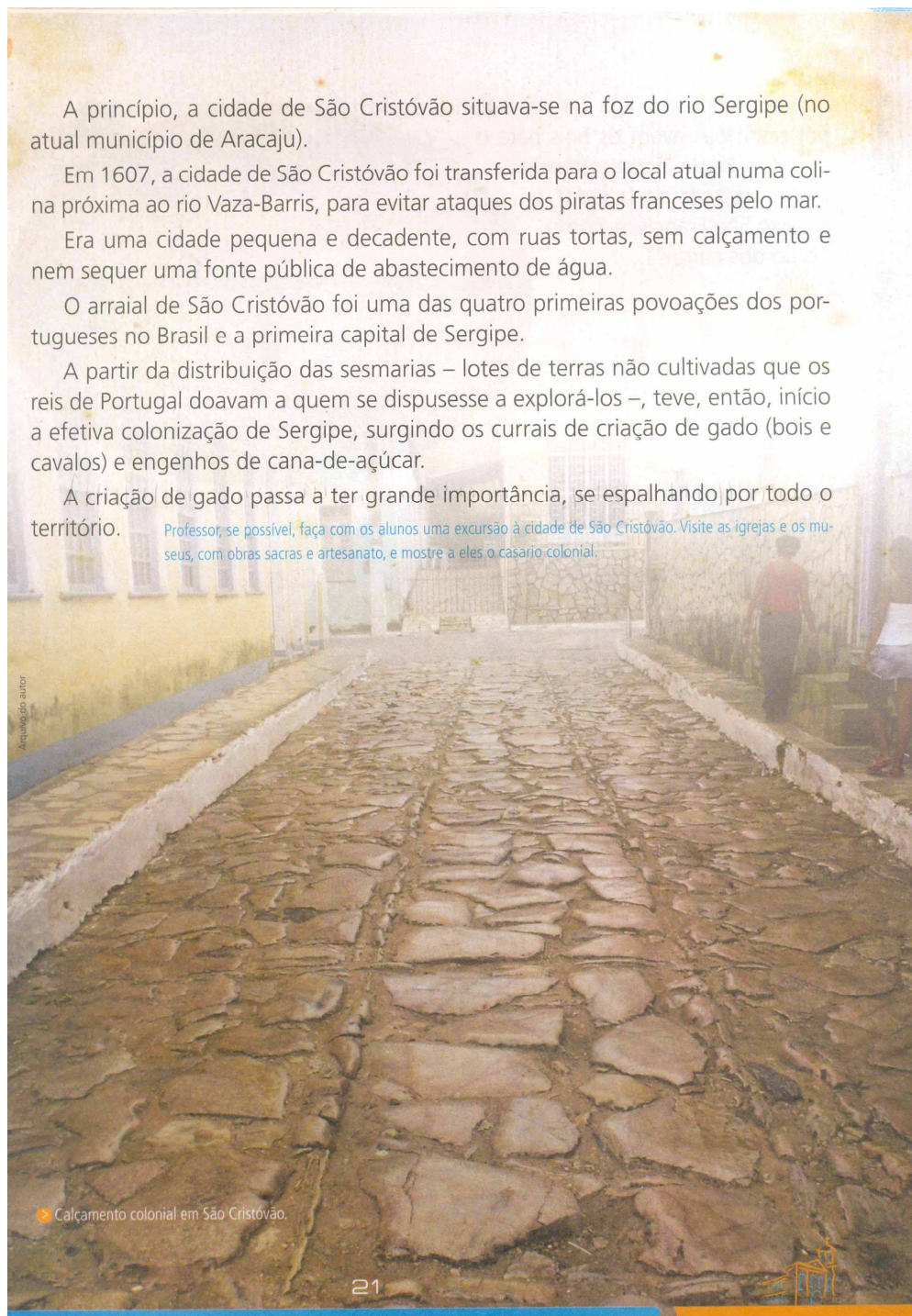
Notícia da morte de Getúlio Vargas



Fonte: Santos; Oliva, p. 97.

Função facilitadora redundante: a imagem do jornal com a foto de Getúlio Vargas apenas reforça a notícia de sua morte explicitada no texto.

Figura 23 – Página de exemplo da função estética.



Fonte: Medeiros; Menezes, p. 21.

Função estética: a imagem cumpre o papel de embelezamento e diferenciação na página.

Figura 24 – Página de exemplo da função comprovadora.

Atividade

Você entendeu o texto? Então responda, com suas próprias palavras, às perguntas abaixo:

- 1) Que quer dizer "Constituição"? *Lima Bonfim*
- 2) Quais são os símbolos do Estado de Sergipe? *Bonfim, Amador, Barreto, Romero*
- 3) Quais são as cores de nossa Bandeira? *verde, amarelo, azul*
- 4) Onde é usado o Brasão de Armas? *Escudo, brasão*

PESQUISA

— Procure saber qual o hino de seu Estado e quais são os seus autores.

Vultos notáveis

São vultos notáveis de Sergipe:

- **Silvio Romero** — crítico literário e artístico.
- **Jackson de Figueiredo** — jornalista.
- **Jão Ribeiro, Manoel Bonfim, Felisbello Freire, Lima Júnior** — historiadores.
- **Tobias Barreto, Gumerindo Bessa, Coelho e Campos, Carvalho Neto** — juristas.
- **Gilberto Amado, Amador Fontes, Ranulfo Prata, Armindo Pereira, Paulo Dantas, Mário Cabral** — escritores.
- **Pedro de Calazans, Hermes Fontes, Garcia Rosa** — poetas.
- **Horácio Hora** (o maior pintor sergipano) e **José de Dome** — pintores.
- **Jordão de Oliveira** — famoso retratista.
- **Manoel Joaquim de Oliveira Campos e José Santa Cecília** — destacaram-se na música.



João Ribeiro Tobias Barreto Silvio Romero

Atividade

Faça a correspondência:

(1) Silvio Romero	(3) jurista
(2) Jackson de Figueiredo	(5) poeta
(3) Tobias Barreto	(8) destacou-se na música
(4) Gilberto Amado	(6) pintor
(5) Hermes Fontes	(4) retratista
(6) Horácio Hora	(2) jornalista
(7) Jordão de Oliveira	(1) crítico literário e artístico
(8) Frei José Santa Cecília	(4) escritor

PESQUISA

— Faça uma pesquisa sobre a biografia do vulto notável que mais lhe interessou.

— Se em sua cidade houver algum vulto importante que não foi citado, escreva sobre ele.

49

Fonte: Neves, 198[?], p. 49.

Função comprovadora: a imagem acompanha uma atividade de avaliação e está subordinada a um de seus itens.

Verificamos que a utilização das imagens cumpre papel essencial na apresentação dos conteúdos dos livros didáticos de história de Sergipe. Muito além da função meramente estética, as imagens são incorporadas ao conteúdo de forma efetiva, possibilitam novas possibilidades de aprendizado e atuam como reforço perceptivo do conteúdo textual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história descansa nos livros sob a guarda dos seus formatos, aconchegada às medidas de suas páginas e abrigada nos limites das colunas de texto e dimensões das figuras. É narrada ao ritmo dos sinais tipográficos e prolonga-se através das numerações de páginas. Apresenta suas diversas faces nas cores e nas texturas dos papéis onde estão impressas as experiências do tempo.

O livro impresso fascina e, na escola, revela saberes através das diversas sensações táteis e visuais que seu manuseio proporciona. Como objeto material escolar se apresenta em inúmeros tamanhos e formatos resultantes das mudanças nos processos de produção dos materiais impressos ao longo dos anos.

Tomando como fontes os livros didáticos de História de Sergipe produzidos a partir da segunda metade do século XX, fizemos aqui uma análise focando os elementos constituintes de sua produção material. Dessa forma, nos importou observar como os diversos elementos isolados foram ordenados e resultaram no objeto livro didático – tipos, papéis, encadernação, imagens, textos, cores, formatos, tamanhos, capas etc.

Como em uma receita, o modo como foram misturados os ingredientes foi o responsável pelo resultado final – nem sempre bom, muitas vezes delicioso, algumas vezes indigesto. Na cozinha do livro didático, o *chef* é o projeto editorial. É onde são definidas as soluções visuais necessárias para alcançar o resultado esperado. Seu tempero são as possibilidades de aprendizado que estas soluções visuais podem proporcionar.

Os livros didáticos de História de Sergipe objetos de nossa pesquisa foram produzidos em “tempos gráficos” distintos, nos quais se observam mudanças na maneira de compor e finalizar o impresso. Os projetos editoriais nem sempre consideraram a função desempenhada pelos livros didáticos na aprendizagem, uma vez que as decisões editoriais são definidas, também, por motivações que ultrapassam o âmbito educacional, e nem sempre são realizadas por uma equipe multidisciplinar voltada à produção exclusiva do impresso escolar, mas está atrelada aos departamentos editoriais das editoras, os quais realizam trabalhos os mais diversos. Ou foram iniciativas individuais que esbarraram na dificuldade econômica de financiar o trabalho complexo e árduo de produzir um livro didático.

Não percebemos explicitamente uma aproximação entre o fazer gráfico-editorial e as preocupações educacionais com a aprendizagem durante o processo de construção do livro didático – integrando descobertas pedagógicas sobre a aprendizagem das crianças às possibilidades oferecidas pela utilização correta dos princípios visuais. No entanto, muitos

elementos visuais, como a cor e a imagens por exemplo, por suas características intrínsecas, estabelecem um processo cognitivo essencial ao aprendizado.

A variedade de formas de utilização dos elementos indica que a produção gráfica desses manuais segue mais as tentativas experimentais dos editores de arte e **designers** do que uma teorização acerca dos modos como o elementos gráfico-editoriais podem auxiliar no processo de aprendizagem. O que esperamos é que num futuro próximo a produção de didáticos deixe de ser apenas um saber-fazer a cargo de pessoas bem intencionadas para transformar-se em teorização objetiva de fundo multidisciplinar, relacionada e condicionada pelas mais recentes concepções de ensino-aprendizagem da criança.

FONTES

ARAÚJO, Acrísio Torres de. **História de Sergipe**. Salvador: Editora do Brasil na Bahia, 1973a.

ARAÚJO, Acrísio Torres de. **Minha terra, minha gente**. Salvador: Editora do Brasil na Bahia, 1973b.

ARAÚJO, Acrísio Torres de. **Sergipe e o Brasil**. Salvador: Editora do Brasil na Bahia, 1973c.

CORRÊA, Antônio Wanderley de Melo; ANJOS, Marcos Vinicius Melo dos; CORRÊA, Luiz Fernando de Melo. **Sergipe nossa história**. Aracaju: Edição dos autores, 2007.

MEDEIROS, Celme Farias; MENEZES, Eduardo Frigoletto de. **Sergipe história e geografia**. São Paulo: Editora do Brasil, 2007.

NEVES, Déborah. **Vamos conhecer Sergipe**. [São Paulo:], 198[?].

OLIVEIRA, Genialda Matos. **O novo Sergipe**. São Paulo: IBEP, 1986.

SANTOS, Lenalda Andrade; OLIVA, Terezinha Alves de. **Para conhecer a história de Sergipe**. Aracaju: Opção Gráfica, 1998.

REFERÊNCIAS

BARBIER, Frédéric. **História do livro**. Coordenação, tradução e revisão técnica de Valdir Heitor Barzotto e outros. São Paulo: Paulistana, 2008.

BELO, André. **História & livro e leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Docência em Formação – Série Ensino Fundamental).

_____. **Livro didático e saber escolar (1810-1910)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BOCCHINI, Maria Otília. Legibilidade visual e projeto gráfico na avaliação de livros didáticos pelo PNLD. In: **Anais do Simpósio Internacional Livro Didático: História e Leitura**. São Paulo: USP/FEUSP, 2007. p. 241-258.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

_____. A mediação editorial. In: **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 61-76.

_____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2 ed. Brasília: Editora da UnB, 1998.

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

COLLARO, Antônio Celso. **Produção gráfica: arte e técnica da mídia impressa**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CORRÊA, Antônio Wanderley de Melo. Didáticos de história de Sergipe: 100 anos. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 8, 10, 12, 13 e 20 nov. 1998.

COUTINHO, Solange Galvão; SILVA, José Fábio Luna da. Linguagem visual em livros didáticos infantis. **Anais do XV Encontro Nacional da ANPAP**. Salvador, 2006. <Disponível em <http://www.unifacs.br/anpap/autores/168.pdf>>. Acesso em: 11/06/2007.

DIÉGUEZ, J. L. Rodríguez. **Las funciones de la imagen en la enseñanza**. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 1977.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. 2 ed. São Paulo : Martins Fontes, 2003.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico**. São Paulo: EDUSP, 2008.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **O aparecimento do livro**. Tradução de Henrique Tavares e Castro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2000.

- FERNANDES, Antonia Terra de Calazans. Livros didáticos em dimensões materiais e simbólicas. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 531-545, set/dez, 2004.
- FONSECA, Joaquim da. **Tipografia & design gráfico: design e produção gráfica de impressos e livros**. Porto Alegre: Bookman, 2008.
- FONSECA, Selva Guimarães. Livros didáticos e paradidáticos de História. In: **Didática e prática de ensino de História**. 7 ed. Campinas/SP: Papirus, 2003. p. 49-57.
- _____. O estudo da história local e a construção de identidades. In: **Didática e prática de ensino de História**. 7 ed. Campinas/SP: Papirus, 2003. p. 153-161.
- _____. **Caminhos da história ensinada**. 7 ed. Campinas/SP: Papirus, 1993. (Coleção Magistério, Formação e Trabalho Pedagógico).
- FREITAS, Itamar. Brevíssimo histórico sobre o livro didático de história de Sergipe. In: **Negros, brancos e índios: ideologia e poder nos manuais didáticos de História**. Palestra proferida na Universidade Tiradentes, dentro do Seminário de História e Cultura Africana. Aracaju, 13 set. 2005. Disponível em <http://itamarfo.blogspot.com>. Acesso em 01/11/2010.
- _____. (org.). **História regional para a escolarização básica no Brasil: o texto didático em questão (2006/2009)**. São Cristóvão: Editora da UFS/Fundação Oviedo Teixeira, 2009.
- _____. O livro didático de história de Sergipe. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 29-30 jan. 2001.
- FREITAS, Itamar; GALLY, Christiane; MENEZES, Hermes. Livros de História Regional para a Educação Básica: reflexões e estratégias de avaliação. In: **Anais Eletrônicos do Seminário Nacional História Popular do Nordeste**. São Cristóvão: UFS/HPOP, 2007.
- GATTI JR., Décio. **A escrita escolar da História: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990)**. Bauru/SP: EDUSC, 2004. (Coleção Educar).
- GUILHERME, H. Faria. **Pequeno Dicionário de Editoração**. Fortaleza: EUFC, 1996.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUSP, 2005.
- HASLAM, Andrew. **O livro e o designer II: como criar e produzir livros**. São Paulo: Edições Rosari, 2007.
- HEITLINGER, Paulo. Legibilidade do texto impresso. In: **Cadernos de Tipografia e Design**. n. 3. set 2007. p. 24-37.
- HEITLINGER, Paulo. O que é “legibilidade”? In: **Cadernos de Tipografia e Design**. n. 3. set 2007. p. 19-20.
- HEITLINGER, Paulo. Qual a fonte mais apropriada para criança? In: **Cadernos de Tipografia e Design**. n. 2. jul 2007. p. 15-20.
- LEITE, Juçara Luzia. Construção identitária e livro didático regional de História: uma prática geracional de escrita de si. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. **O livro didático de História: políticas educacionais, pesquisas e ensino**. Natal: EDUFRN, 2007. p. 189-197.
- LIMA E FONSECA, Thais Nivia de. **História & ensino de História**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. Com um capítulo referente à propriedade literária. 2 ed. il. rev. e atual. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- MÁSCULO, José Claudio. **A coleção Sérgio Buarque de Holanda: livros didáticos e ensino de História**. São Paulo, 2008. Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- MAUAD, Ana Maria. As imagens que educam e instruem – usos e funções das ilustrações nos livros didáticos de História. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. **O livro didático de História: políticas educacionais, pesquisas e ensino**. Natal: EDUFRN, 2007. p. 109-113.

- MENEZES, Hermeson Alves de. Breve estudo sobre representações nas capas de livros didáticos de história regional para o ensino fundamental. In: **Anais do Congresso Ibero-Americano de História da Educação na América Latina**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- _____. Linguagem visual e aprendizagem: um estudo das soluções gráficas em livros didáticos de História para as séries iniciais do ensino fundamental. **Anais do VI Encontro Perspectivas Sobre Ensino de História**. Natal/RN: UFRN, 2007.
- _____. Matriz para a análise de projetos gráficos de livros didáticos. In: FREITAS, Itamar (Org.). **História regional para a escolarização básica no Brasil: o texto didático em questão** (2006/2009). São Cristóvão: Editora da UFS, 2009. p. 123-136.
- MONTALVÃO, Elias. **Meu Sergipe**. Aracaju: Typografia Editora Nelson Vieira, 1916.
- MUNAKATA, Kazumi. Como se faz livro, inclusive didático e paradidático. In: **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. São Paulo, 1997, Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- NIKITIUK, Sônia Maria L. Por que livros regionais de História? In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. **O livro didático de História: políticas educacionais, pesquisas e ensino**. Natal: EDUFURN, 2007. p. 199-206.
- OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. A zona do indeterminado: pensando autor, autoria, produção e consumo de livros didáticos. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. **O livro didático de História: políticas educacionais, pesquisas e ensino**. Natal: EDUFURN, 2007. p. 67-73.
- OLIVEIRA, Marina. **Produção gráfica para designers**. 2 ed. Rio de Janeiro: 2AB Editora, 2002. Série Oficina.
- PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel. A psicóloga da criança. 11 ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand do Brasil, 1990.
- PINTO JR., Arnaldo. Livros didáticos de História para as séries iniciais do ensino fundamental: entre propostas estimulantes e abordagens tradicionais. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. **O livro didático de História: políticas educacionais, pesquisas e ensino**. Natal: EDUFURN, 2007. p. 161-167.
- SANTOS, Claudefranklin Monteiro. **Viajando com Bomfim e Bilac - Através do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Educação) Núcleo de Pós-Pós Graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe, 2003.
- SANTOS, Vera Maria dos. **A Geografia e os seus livros didáticos sobre Sergipe: do século XIX ao século XX**. Dissertação (Mestrado em Educação) Núcleo de Pós-Pós Graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe, 2004.
- SIMAN, Lana Mara de Castro; LIMA E FONSECA, Thais Nívia de (orgs.). **Inaugurando a história e construindo a nação: discursos e imagens no ensino de história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- STAMATTO, Maria Inês Sucupira. Historiografia e ensino de História através dos livros didáticos de História. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; CAIMELLI, Marlene Rosa; OLIVEIRA, Almir Félix Batista de (orgs.). **Ensino de História: múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços**. Natal: EDUFURN, 2008. p. 137-149.
- VIGOTSKI, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2008.